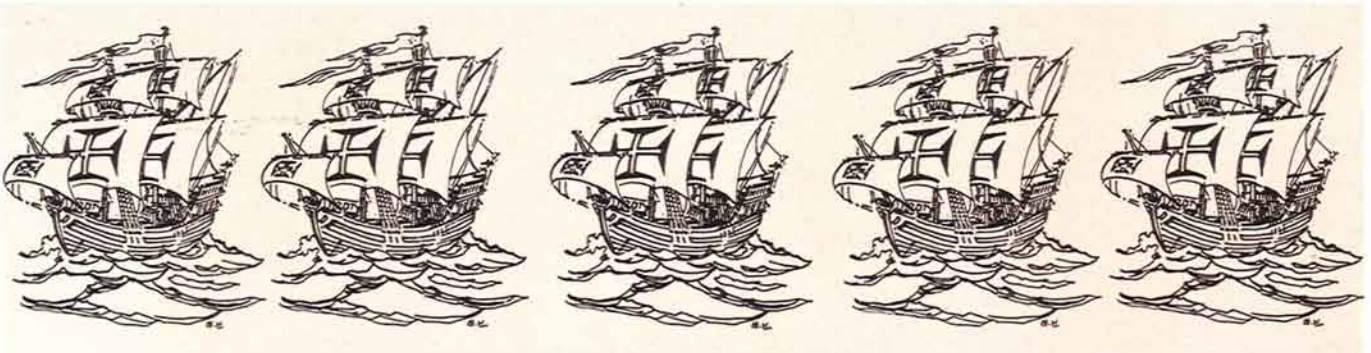
Revista da Armada

N.º 39 / DEZEMBRO 1974 / ANO IV

Sumário

		Pág.
M. de Vale	**Nota de Abertura**	3
O. Lemos	**Bibliografia**	4
H. Bonjour	**Outono**	7
M. Horta	**Efemérides Navais**	8
M. Horta	**Notícias Pessoais**	10
Redacção	**O M.F.A. não tem partido nem é um Partido**	11
Grupo de Amigos do Museu de Marinha	**O Grupo de Amigos do Museu de Marinha completa 20 Anos**	12
S. Elpídio/M. Horta	**Saibam Todos**	13
O. Lemos	**Espectáculo** Um Barco para Ítaca	14
Redacção	**Voz da Abita**	16
O. Lemos	**A Disciplina nas Forças Armadas**	18
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	20
S. Oliveira	**Desportos**	21
G. Brandão	**Filatelia**	23
P. Filipe	**O Palco está pronto Para o Grande Drama...**	25
S. Elpídio	**Reportagem**	27
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 39 / DEZEMBRO 1974 / ANO IV

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

Fuzileiros – **A Marinha em terra.**

(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotogr. do EMA)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

Natal de 1974, Natal de Paz

Foi na luminosa manhã de 25 de Abril que a pomba da paz portuguesa despertou do seu longo letargo de 13 anos.

Despertou, bateu as asas, e voou para o Sul, caminho das nossas maiores glórias, caminho das descobertas, caminho sem regresso para tantos e tão bons portugueses!

Levava no bico ramos de oliveira: para Bissau, para Lourenço Marques, para Luanda e para S. Tomé e Príncipe.

E, o que até então parecia impossível, deu-se. Brancos e negros depuseram as armas e abraçaram-se como irmãos que são. Acabaram-se as guerras, as devastações, os feridos e estropiados... o dobre a finados pelos mortos em combate... Que os sinos repiquem festivamente neste Natal da paz. Esqueçam-se as lutas passadas, apaguem-se os ódios e, unidos, todos falando a mesma língua, façamos um mundo melhor, onde reine o amor e a justiça.

Um Natal alegre e um Ano Novo muito feliz, para o velho Portugal e para as jovens nações que ele agora ajudou a criar: Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe... São os votos sinceros da «Revista da Armada».

Com.

Bibliografia

Memórias do Capitão

por João Sarmento Pimentel

Quando a Editorial Inova lançou este livro fizemos-lhe uma breve referência bibliográfica na Revista. A obra, no entanto, dado o seu altíssimo valor literário, merece que nos detenhamos um pouco nela e que para ela chamemos a atenção dos leitores.

Sarmento Pimentel é esse «sempre» jovem lutador que na implantação da República nunca regateou a vida e a fortuna, sempre na primeira linha de todas as tentativas feitas para abater a ditadura. Exilado e cortada a carreira militar (haveria de ficar sempre – o capitão Sarmento Pimentel) regressou agora do Brasil trazendo consigo o peso dos 86 anos e a juventude anímica que lhe permite ainda erguer a voz, na hora da libertação, com energia e fulgor que pede meças a muitos novos.

MEMÓRIAS DO CAPITÃO é uma obra-prima da literatura portuguesa, livro genuinamente nacional e eminentemente português, que se insere perfeitamente nessa trajectória riscada por vultos como Camilo, Eça e Aquilino. Do primeiro tem a graça espontânea do contar, do segundo a finura da ironia e a beleza dos recortes descritivos e do último a profusa substantivação e a riqueza do lexicon.

Desde quando o autor se conhece, vamos assistindo a um desenrolar de episódios de velhos tempos a que a firmeza do estilo literário e a perspicaz originalidade do uso da língua conferem um soberbo poder evocador ora ajustando-a ao

acento picaresco de certas situações, ora adaptando-a à beleza e sensibilidade de outras, ora forçando-a até atingir o fulgor da dimensão épica quando nos transporta aos campos de batalha ou à esforçada luta por uma Pátria livre.

Percorrer as páginas deste belo livro é encetar uma magnífica peregrinação por esse Portugal nortenho, cheio de raça e tipismo, por essa África de martírio e por esse Brasil adoptivo no que ele tem de mais humano e conhecer toda a frustração de quem se quer livre numa sociedade amordaçada.

Vamos deixar falar o autor e começaremos por esse episódio típico em que o feitor de uma casa senhorial, nos conta, ao serão, à luz vacilante do lume vivo ao redor da lareira, no pino do inverno, o episódio em que o Reitor do Ermeiro desfeiteou o famigerado Zé do Telhado.

«Zé do Telhado mandou dizer ao Reitor que estava muito necessitado e, para atender compromissos inadiáveis, precisava com urgência um empréstimo de cento e cinquenta moedas, a pagar pela 'Avença' de cinco anos e «pelas almas de quem lá tem». Que era só mandar aquela quantia por um próprio de confiança à Eira dos Moiros na véspera de S. Martinho, depois do pôr do sol, pois lá estaria quem recebesse e desse quites.

«O Reitor, que tinha interrompido a leitura do periódico para ouvir o emissário, deitou-lhe uma olhadela curjidosa e carrancuda por cima das lunetas, coçou a covinha dos ladrões e, sem alevantar a voz mais do natural, respondeu ao mal encarado recoveiro: – «Informa esse grandecíssimo bandido, que da burra do Reitor não abiscoita nem cheta, mas que da que está ali na côrte, eu darei licença para ele apanhar as castanhas que a bichinha botar pelo trazeiro, quando formos fazer o enterro da puta que o pariu. E é só para tu levares este recado bem firme na memória, e do teu vagar, que eu não te meto os quartos do bacamarte de boca de sino nos fundilhos, que com eles irias mais ligeiro do que é preciso, e poderias acrescentar por tua conta palavreado que não faz minga a ele me compreender. «Vai-te pondo no mundo, antes que o diabo me tente a provar desde já ao teu chefe que sou mesmo da raça e do génio esquentado dos Coelhos de Sergude, embora por minhas brandezas não o fetureis.

II

«Já tinham cantado os galos a meia-noite, e só raro lebréu ladrava ao quarto crescente, prestes a sumir-se atrás dos picotos do Marão. O Reitor, carapuça enterrada até às orelhas e cobertor de papa pelos ombros, estava sentado no cadeirão de sola bem perto do lume, que era de nocas de carvalho e formava um brasido de luz mortiça na lareira do fogão da sala, junto do qual ele varava a parte alta da noite até a madrugada romper, desde quando recebeu o recado do Zé do Telhado para mandar as cento e cinquenta moedas à Eira dos Moiros.

« – Na cama a ressonar, não me apanha ele, e, se for chegado o meu dia, será por mor dos meus pecados e vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas sozinho, para a grande viagem, é que não irei, Deus me perdoe, tão certo como eu chamar-me Joaquim.

«(...) A Quininha foi-se deitar, e o Reitor, terminado o capítulo do «Céu de Graça, Inferno Custoso» que trata da longevidade dos grandes penitentes, Santos da Santa Madre Igreja, tomou o Breviário, obrigação costumeira e por última, que as outras eram poucas e já de meia aposentadoria.

«Tinha passado um migalho, quando lhe aparece a Quininha em camisão, olhos de pavor, e, as mãos uma na outra à altura da boca, gaguejava em segredo: – «Senhor Reitor, valha-nos o Senhor dos Aflitos, que estão a arrombar a porta da cozinha!»

«Ele deitou-lhe um olhar tranquilizador por cima das cangalhas e respondeu: – «Deixa-me pôr ponto que eu já lá vou ter. Enquanto isso, e por cautela em demasia, vai ao quarto dos arreios e tira dos coldres do selim da Andorinha as duas pistolas, para te defenderes, se vier ao caso. Apaga-me todas as luzes e deixa só a lamparina do oratório acesa. Avia-te que não há tempo a perder. E biquinho calado, para não espantares a caça.»

«Com efeito pôs ponto naquela passagem da história da morte de Golias, quando David argumenta: – «Tu vens a mim com armas, e eu venho a ti em nome do Senhor». Benzeu-se, meteu o facão no bolso maior da samarra e foi ao armário buscar a reiuna de dois canos. Aperrou-lhe a fecharia, que deu aqueles dois estalidos de ficar em ponto de fogo.

«Correu à cozinha, bufou à candeia que bruxuleava na pilheira, e foi postar-se em frente da porta retirado seus três metros, na posição de meter a arma à cara – perna esquerda adiante, canos apoiados no antebraço esquerdo e dedo no gatilho.

«De fora, com um gancho de ferro tentavam levantar pela fresta do postigo a tranca da porta, mas sem resultado, pois ela tocava no rasgo da parede e por muito grossa, não corria ao lado. Resolveram então os salteadores arrombá-la à valentona e, com uma marreta, ou coisa que o valha, bateram com força nos gonzos, rente à soleira. Quando estes cederam e a porta ficou escancarada, um vulto surgiu na escuridão. O Reitor meteu a reiuna à cara, puxou ao gatilho do cano direito e o clarão do tiro varou a noite. Um corpanzil tombou de costas no pátio de pedra sem dizer «ai Jesus»! Pelas escadas abaixo grande tropel de gente que fugia.

«Mão tente no guarda-mato e dedo no gatilho do cano esquerdo, o Reitor esperou que fosse renovada a tentativa de lhe entrarem em casa.

«No fundo do quinteiro os quadrilheiros discutiam: – Vamos, não vamos, quem vai na frente pra também morrer? Carago! estais borrados de medo. Se te parece? A espingarda do Reitor tem dois canos e a Quina da Leira também não é p'ra graças e resoluta como um home.

«Ao depois, o segundo tiro alerta os caseiros do fidalgo de Junfe, e então adeus minhas encomendas, que o negócio acaba mesmo ficando feio de todo.

«Acabou a discussão com a ordem de comando dada pelo Zé do Telhado.

– «Olhai, rapazes, da fortuna do Reitor são mais as vozes que as nozes; não vale dois quadrilheiros, pelo menos. Vamo-nos todos embora». A malta botou-se ligeira ao caminho e passado um instante já não se ouvia nada de suspeito por ali perto. «O Reitor descansou a espingarda e chamou para o interior da casa:

– Quininha, traz o candeeiro de três bicos e vem-me ajudar a colocar a porta da cozinha em termos de segurança, até ser dia».

«A Quininha ergueu-se da frente do oratório onde se tinha ajoelhado, olhos suplicantes na imagem da Senhora das Dores, Mãe dos homens, e a engrolar um Credo que nem houvera tempo de levar ao fim.

«Pegou numa das pistolas que havia colocado sobre a cómoda do oratório e, pernas ainda bambas, riscou na parede um palhite de espera galego para acender o candeeiro de azeite. Com a luminaria acima da testa para enxergar melhor, veio pelo corredor fora até onde o Reitor se mantinha em posição belicosa.

– «Arreda-te um pouco prò lado, não vá algum malandro, de tocaia atrás do muro do portal, alvejar-te pelo clarão da luz».

«Colocadas contra a tranca as conçoeiras da porta desmantelada, encostaram-lhe o banco da mesa e o preguiceiro para escorar.

«O Reitor carregou de novo o cano direito da reiuma, meteu-lhe os cães no descanso e foi arrumá-la no armeiro.

«Depois pediu uma isca de bacalhau da peça para lhe tirar o travor da boca, e, passado na goela um trago de Porto velho, acamou como se nada tivesse acontecido.

«De manhãzinha cedo, o criado dos caseiros, que viera pensar a Andorinha, deu pela sangueira que correu pelas escaleiras até à soleira do cancelo, e, no pátio topou o Gilberto, moleiro da casa, deitado de costas, olhos arregalados e a boca aberta de espanto, já frio e inteiriçado, mas sem largar o pico de avivar as mós, agarrado na mão pelo meio do cabo e com tal força, que para lho tirarem, foi preciso quebrar-lhe os ossos dos dedos.»

Magníficas são as páginas do capítulo «A TORRE E OS DE SUA LINHAGEM» onde se alteram trechos de grande beleza descritiva (como se se tratasse de pintor amante de paisagem apostado em captar-lhe toda a poesia e encanto) com outros de inexcedível graça como aqueles em que nos dá o perfil desse velho fidalgo João Maria Ferreira Sarmento Pimentel que tomara por mulher D. Francisca.

«Brava como os seus maiores e senhora de alto lá com ela, deu água pela barba ao Pimentel, ainda que ele não fosse dos que deixam fazer ninho atrás da orelha e trouxesse na alma e no sangue as manhas e taras dos Braganções, e de tal têmpera que chegou aos oitenta janeiros forte e teso como carvalho cerquinho da serra do Marão. O seu último dia de vida foi nos Eixes, bem antes de D. Francisca morrer. O filho já era casado e, sabendo-o doente foi da Torre com intenção de o trazer mais para perto do Porto, e instalá-lo na casa dos parentes de Juste, onde havia mais recursos médicos e o clima não era aquele da «Terra Quente» que, de Inverno gelava o rio Rabaçal. Também tinha necessidade de o afastar das amigas, que o punham na estica, nada menos de três, titulares que eram de governanta, de cozinheira, de criada de dentro. Encontrava-se acamado com uma ponta de febre. Na ocasião da ceia a copeira, mocetona peituda e corada como uma romã, que a nora tinha trazido da Torre, levou-lhe um caldo de galinha e insistiu que o tomasse «assim quentinho por mor do resfriado».

– «Não quero. Nem me serve para nada, nem vale a pena insistir, rapariga. Inda se tu te deitasses aqui ao pé de mim, eu era capaz de dar adeus ao mundo com aquele gostinho como não há outro, mas o caldo já não vai».

«A moça sem futurar que o velho, naquela conversinha brejeira, estava entrouchando para a eternidade, voltou à sala de jantar a rir-se e a dizer que o senhor Ferreira parecia muito bem disposto, até engraçado, mas que não quis comer nem uma colher de caldo que ela lhe levava. A nora pegou na malga e voltou ao quarto do sogro para insistir com ele, mas já topou o velho Ferreira dos Eixes a dormir tranquilamente o sono derradeiro.»

O PAPAGAIO DAS CÓNEGAS DE VALDOMAR é um gracioso e picaresco conto digno de qualquer antologia.

Os sucessos do episódio dessa odisseia que foi a viagem para África no transporte de tropas «Cabo Verde» são de uma tão viva realidade e de um tal poder evocador que nos parece estarmos a bordo. Quando o Comandante se sentiu mal e foi necessário tratá-lo, a arte do alferes veterinário e do mestre ferrador ficou assim assinalada:

«Na aplicação do clister é que a coisa esteve feia e quase redunda em pancadaria brava entre o cabo ferrador e o Medalhas, que era só «pescada». O Medalhas segurava o funil e o cabo ferrador, untado o bico do tubo da lata com vaselina, enfiou-o no cu do Comandante com muito carinho e mestria. Cumpria ao Medalhas verificar se o

cozimento ia descendo e para tanto deitava o olho por cima a verificar como se sumia. Pareceu-lhe que tinha empancado. Um pouco nervoso do acontecimento e da terapêutica, ergueu demais o funil e o Comandante deu um ronco como quem se lhe despede a alma do corpo, logo abocanhada pelo porco sujo.

« – Baixa lá o funil, palermão, pois desse jeito o clister acaba mesmo por sair pela boca do nosso Comandante!»

As páginas do capítulo GUILHERMINA são de uma tocante poesia. Nelas se reproduz toda a generosidade, encanto e beleza de que é capaz uma alma sensível, tocada pelo amor. Guilhermina não chegaria a concretizar os seus sonhos e é com essa página que serviu de epílogo a um capítulo tão cheio de mágoa e encanto que pomos fim a este bosquejo de uma obra que será sempre uma bela companhia para as nossas horas disponíveis.

«Olhos cerrados, respiração quase imperceptível, a penumbra da pouca claridade mal deixava desenhar-lhe as feições.

« – Quem entrou?

« – Eu, o teu João.

« – Ana, traz uma vela. Quero ver melhor. Dá-me a tua mão, querido, para me acompanhares até à porta do céu, que aquela Nossa Senhora fará o milagre de abrir para eu poder entrar.

«Quando o castiçal iluminou melhor o rostinho pálido e delicado da pobre rapariga, parecia feito de cera, e na quietação e tranquilidade, de imagem num altar.

«Dobrou-se para a beijar, e ela abriu pela última vez aqueles olhos, que eram a maravilha duma luz e expressão mais além da que existiu e ele encontrava na cor e na bondade do olhar terno, meigo, doce, carinhoso, cheio de esperança e de candura de sua Mãe.

«A doença tinha-lhe mirrado o corpinho como de virgem impúbere e as irmãs do namorado vestiram-lhe, para entrar no caixão, o vestido da primeira comunhão.

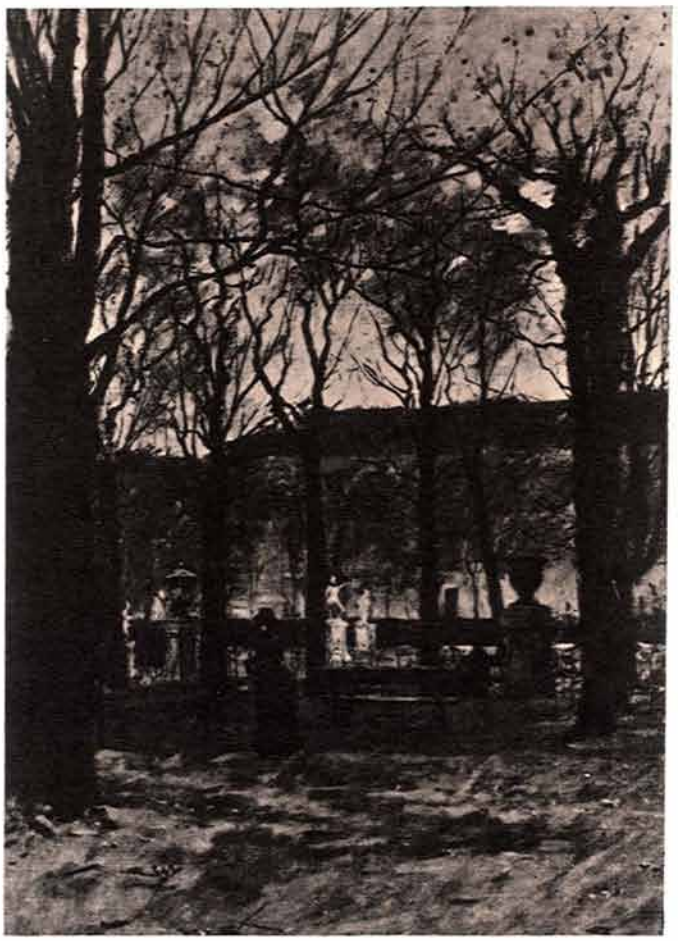
«Levaram-na ao mausoléu em grande acompanhamento e as raparigas, suas companheiras e suas amigas, cobriram-lhe de lágrimas o caixão e atapetaram de flores a escadaria do adro para o cemitério.

«Os primeiros sintomas da Grande Guerra começaram a surgir. Portugal mobilizou logo duas Expedições, uma para Angola, outra para Monçambique.

«João da Torre incorporou-se, como voluntário, naquela que se destinava a Angola.»

O. Lemos

Cap.-frag.



OUTONO

Outono! Caem folhas, sopra o vento.
No céu em abandono aînda escuto
Um rumor de tristeza; está de luto
O Verão agonizando num lamento.

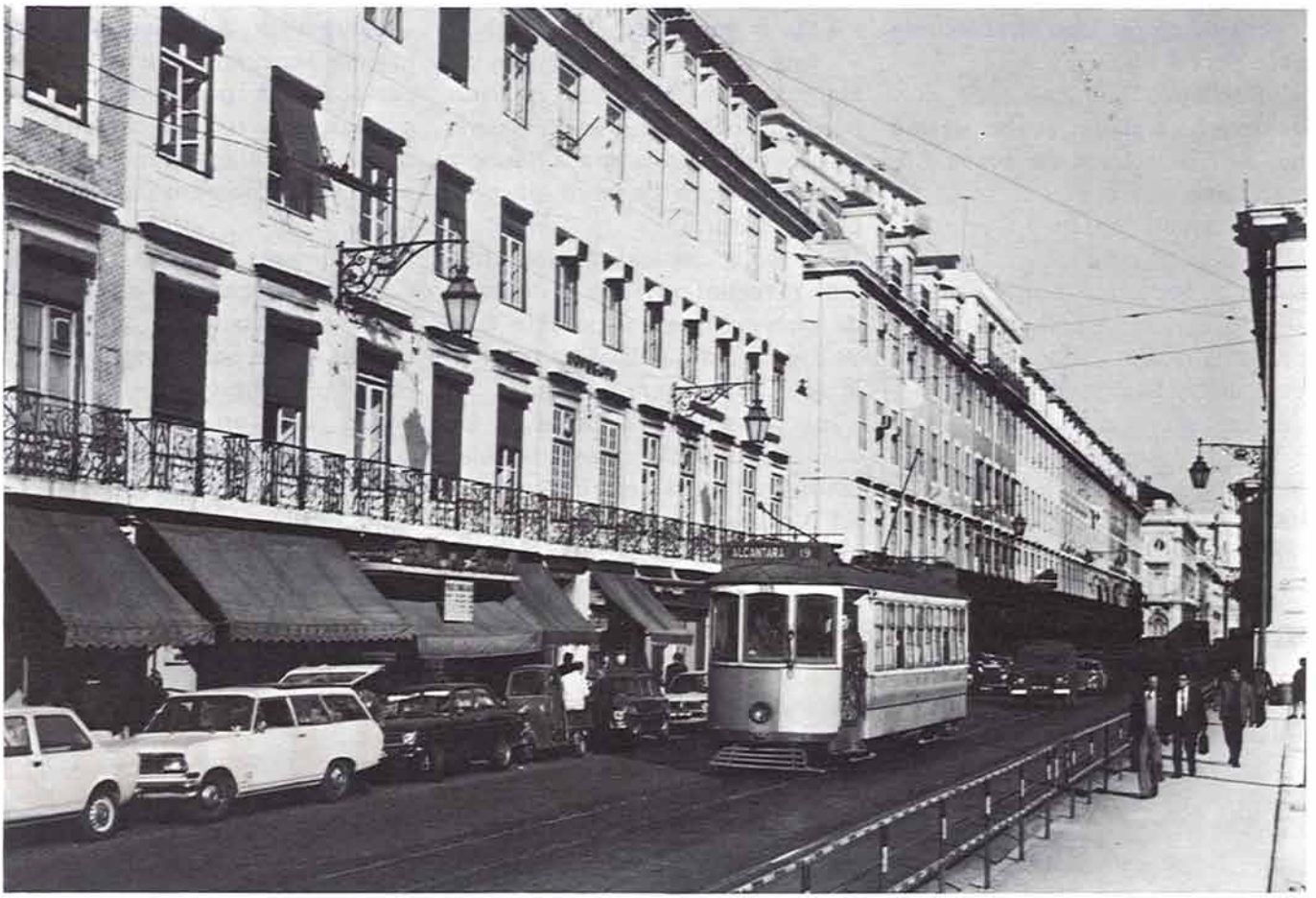
Na tarde, meu olhar frio e atento
Procura um raio de sol já diminuto,
Tão breve, tão subtil como um minuto,
Tão veloz como a dor dum pensamento.

E, enquanto, tristemente, a luz se esvai,
Na cor das minhas veias também cai
Um véu feito de cinzas e de bruma.

Das folhas de Outono, sou irmã!
Meus braços estão vazios, sem amanhã:
As ilusões caíram-me uma a uma.

Helena L. M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

Efemérides Navais



Um feliz acaso fez-me chegar às mãos alguns velhos exemplares da revista «ABC», que Rocha Martins tão ilustremente dirigiu, e que me têm proporcionado certos apontamentos para a secção «Efemérides Navais» da nossa Revista.

Desta vez vou recordar, passados que são quase cinquenta anos, uma narrativa do jornalista Augusto d'Esaguy, que no n.º 81, de 26 de Janeiro de 1926, do «ABC», nos descreve uma rua que todos os marinheiros conhecem e à qual a Marinha tem estado sempre ligada, mas que só poucos – apenas os mais entrados na idade – sabem do seu valor tradicional, da sua história, da sua larga existência.

Trata-se, como não podia deixar de ser, e certamente todos já o adivinharam, da Rua do Arsenal. Eis, portanto, a descrição de Augusto d'Esaguy:

«RUA DO ARSENAL.

«A rua do Arsenal é a rua do mar, a rua dos marinheiros e dos marítimos. Por ela passaram todas as varinas, todos os que vêm do mar e todos os que vão levados por outros desejos, em busca doutras terras. O mar é a saudade de Portugal, o mar é o berço da raça. Foi o mar que nos embalou e que nos arrastou muito longe, gigante, brincando com as nossas caravelas. A Rua do Arsenal é constantemente visitada pelos marinheiros e tem um dos lados uma casa de

iscas, casa onde todos eles se reúnem e cantam o fado e choram o fado. O marinheiro é o fidalgo da raça. Tem sonatas de azul nos olhos. Tem a doçura do mar e as suas revoltas são passageiras como o bater das ondas. Esta rua tem um movimento característico, o movimento das marés. Os transeuntes passam por ela apressados, sempre a caminho, sem enfado. É uma rua que nos prende, desprovida de vaidades, sem orgulho. Pertence-nos, é de todos nós, é de Lisboa, é talvez a rua mais silhuetada que Portugal possui.

«Dum lado o Arsenal, a casa do mar, a casa daqueles que partem sempre alegres, o sorriso nos lábios, sem um queixume, sem uma afronta. Quando nós passamos por ela, cheira a maresia, adivinha-se o mar correndo junto dela e o próprio ar tem um sabor a sal, um sabor característico. Um «snob» que passa, apressado, equilibrado num monóculo é um beliche de luxo, uma passagem de primeira para Londres. O comerciante é a segunda classe, uma segunda classe para África. Os trabalhadores, aqueles que formam o exército numeroso que se arrastam no dia, procurando o pão, são as terceiras classes, as várias classes de emigrantes, daqueles que abandonam os seus campos, as suas fábricas e vão, levados pelo seu temperamento de conquista, ganhar a vida em terras longe. A tragédia desta rua, pouca gente conhece. Chega a passar um dia na janela dum quarto andar para nós a sentirmos no máximo da sua intensidade e cor. Assim o sol nasce e que as águas do mar principiam a ser tolhidas pela luz do dia, logo a caravana dos que trabalham começa a encurtar caminho na direcção do mar ou das fábricas – almoço debaixo do braço e o casaco caído nos ombros.

«É a faina do dia, sempre agitada, constantemente em movimento. A manhã rompe no Arsenal e toda a gente desperta, os olhos ainda fechados pelo sono, quando em todas as outras ruas se dorme, descansa e sonha. Ninguém acreditaria que na Rua do Arsenal, a rua marítima, a rua do mar, alguém se levantasse às dez horas da manhã. A essa hora o movimento é já muito grande e o meio-dia do trabalho vai quase no fim. Os próprios estabelecimentos vivem só para esta rua. Um cambista, os marinheiros gostam do jogo. Uma casa de animais, sobretudo aves, aves do Brasil, o papagaio, a arara, o canário da Ilha da Madeira, tudo recordações de quem atravessa o Oceano, os brinquedos dos emigrantes. Num primeiro andar, a associação dos marítimos, casa que não podia existir noutro lugar, porque é ali o seu meio, é naquela rua que vivem os seus associados. Na impossibilidade de se reunirem no mar, no azul das águas, reunem-se numa rua que tem por horizonte o mar e donde se vêem sair as barcas, abalançando-se na incerteza das águas. É uma rua morena, onde palpita a alma roxa de Portugal e vivem sepultados os nossos passados sonhos de navegadores temíveis e ousados. Só lhe falta uma vela, uma vela branca, para ela poder navegar também, correr nas águas, debruçar-se nas ondas, movendo-se ao sabor da corrente e à feição do vento.

«Uma casa das icas, acolhedora e onde todos os que vivem no mar se reunem. Tem nas paredes oleografias, mostrando redes, fragatas e homens lutando com as águas, enquanto a tempestade cai sobre eles. Os marinheiros reunem-se lá, na noite de sábado, que é noite de recolher mais tarde. Uns tocam, ferem as cordas da guitarra e outros cantam e o motivo é sempre o mar. Nas suas cantigas não falta a «noite de luar, a lua cheia, a brisa da noite, a caravela» e sobretudo o amor, o amor sentimento, amálgama de crimes e de sangue – o marinheiro que mata porque a sua mulher se perdeu, enquanto andava em viagem. As suas canções são queixumes, feitas de saudade, têm ritmos da despedida e julga--se, quando se escutam, ver o lenço, o lenço branco, agitado no espaço, enquanto o navio magestoso e elegante, abre as águas do rio, procurando afastar-se.

«Há momentos em que a Rua do Arsenal se mostra alegre; é quando os seus voltam trazendo notícias, procurando a todos pelos amigos e o que aconteceu a este ou àquele. Tem também momentos de abatimento, quando a sorte é adversa no mar e a pesca tem sido pouca. Nesses dias não há alegria, o olhar de todos anda quebradiço, os marítimos têm lágrimas nos olhos e quando olham o mar, têm expressões de ódio, um ódio que dura pouco tempo porque o marinheiro só sabe amar. O seu temperamento e as incertezas da sua vida não são para desejar mal a ninguém, quanto mais às águas, ao azul do mar, que o embala e adormece.

«Esta rua é das mais religiosas que Lisboa tem. O marinheiro acredita em Deus. Nas suas longas viagens, quando o horizonte é só feito de mar e a terra é um desejo longínquo, a imagem do Senhor é uma verdade que não se discute. Acima de tudo, a ideia de Deus que significa para eles o chegar de saúde a porto de salvação. Que belas devem ser as orações aflitas dos marinheiros, naqueles momentos de incerteza, quando as ondas altas, ameaçam levar tudo da sua passagem.

«Os marinheiros têm a ingenuidade e a bondade das crianças, levam-se consoante os nossos caprichos e são gratos. E as varinas? Os grilhões de oiro, a saia apanhada pela altura das coxas, a cesta do peixe sempre equilibrada, o andar em bailado – o andar das ondas?

«Quando atravesso a Rua do Arsenal acodem-me sempre ao espírito, aqueles versos de José de Almada Negreiros – os mais lindos da língua portuguesa:

«Varinas que sabeis a sal
tendes o mar no avental.»

M. Horta
Sarg.-aj. L

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

1.º-ten. SE António Martins Lobo Varela com D. Maria do Rosário da Costa Cabral Osório, em 17-9-74.
Subten. FZ RN António Francisco Caseiro Marques com D. Maria Teresa de Melo Sarmento, em 5-10-74.
Asp. AN RN José Nogueira de Paiva e Sousa com D. Maria Celeste Gonçalo da Cruz, em 14-9-74.
Asp. RN Custódio Alexandre Rouxinol Miguens com D. Nélida Maria Nunes Gonçalves, em 22-9-74.
2.º-sarg. L Manuel Alcario Costa com D. Florinda Palma Serrumbia, em 15-9-74.
2.º-sarg. B José António Filipe Raimundo com D. Helena Maria Rodrigues Pedro, em 8-9-74.
11/68/C. AEA Joaquim Mamede Granadeiro com D. Gertrudes Josefina Cardoso Neves, em 14-9-74.
2330/Mar. FZ RF Abel Pereira Vilela com D. Fátima de Almeida Ribeiro, em 8-9-74.
1349/71/Mar. R António Fernando Mota Veira com D. Maria João Simões Ramos dos Santos, em 18-9-74.
650/72/Mar. M Abílio David Rodrigues Alves com Maria Afonso Meirim, em 18-9-74.
3286/73/2.º gr. T João Alves Bota com D. Maria José da Silva Gonçalves, em 15-9-74.
3407/73/2.º gr. S Mário Bicho Fradique com D. Filomena Maria de Jesus Enes, em 28-9-74.

PASSAGENS À RESERVA

Em 2-9-74:
Cap.-m.g. Daniel Farrajota Rocheta, Henrique Alexandre da Fonseca, Vasco António Martins Rodrigues, José Ferreira Braga de Pina Cabral, Fernando José Guerra Limpo Toscano, José Luís Ferreira Lamas, Virgílio Rodrigues da Cruz, Eurico Serradas Duarte, Joaquim Gormicho Boavida, Thomaz de Mello Breyner, Paulo Manuel Belmarço da Costa Santos, Manuel de Sousa Barbosa, José Manuel Gonçalves Pestana Malhado, José Artiaga Barreiros, Manuel Mateus da Cunha Chagas, Raul de Sousa Machado, Joaquim Baptista Viegas Soeiro de Brito, Olegário Baptista Borges, Alberto Ribas Lopes Praça e Armando António Pimentel Saraiva: cap.-m.-g. ECN Joaquim Carlos Esteves Cardoso: Cap.-m.-g. EMQ Humberto Jorge Gonçalves Vieira e Virgílio Agostinho Ferreira Mourão: cap.-m.-g. AN Jorge Antunes, Artur Branco da Cunha e António Carlos Sousa da Fonseca.
Cap.-frag. Joaquim Armando Cabeçadas da Silva Reis, Manuel Gonçalves Pinto, Rui Ricardo Silvestre Quartin, Carlos Benvindo dos Reis da Fonseca, Manuel Rocha Santos Prado, António Joaquim Guedes Soares, Eduardo Pombeiro Gomes Pereira, Nuno Henrique do Vale e Almeida Pinto, Silvano José Freitas Branco, Francisco Viriato Castro Guise, Eurico Botelho Neves e Rodolfo da Veiga Prata de Vasconcelos Castelo: cap.-frag. ECN Bernardino Faria Rodrigues Cadete e Manuel das Dores Pinto: cap.-frag. EMQ Carlos Dias de Meneses, Armindo Alves Rodrigues e António Manuel Pina Entrudo: cap.-frag. AN António Gomes da Silva Cruz, Juvenal Martins Pereira de Carvalho, Ângelo Bismarck Soares de Melo, Flávio Lacomba e Armando dos Santos Serra: cap.-frag. SG José Gonçalves, António Pereira Branco e António Marques Paulino: cap.-frag. FZ José de Almeida e Costa Cardoso Moniz.
Cap.-ten. Jorge Teles de Faria Correia Bastos, Jaime de Oliveira Leandro, João Carlos Sherman de Macedo Alvarenga, Hermínio José Pereira Nunes, Amândio José Rogado, José Olias Maldonado, Maxfredo Ventura da Costa Campos, Jorge Maria de Avilez Nunes Pereira, Virgílio Roma Pita Barros, Francisco José de Cabedo e Vasconcelos, Augusto Henrique Coelho Metzner, João Alexandre Neves Monteiro de Macedo e Pedro Manuel Barreira Pessoa Lopes: cap.-ten. EMQ Carlos Alves Rodrigues, João Alberto Pereira Tomás, Miguel Ferreira Sequeira Braga, José Augusto Neto e Carlos Manuel Sequeira Braga Pimental: cap.-ten. AN João Fernandes Mendes Barata e Manuel Ferreira Pinhão: cap.-ten. SG Manuel Ferreira: cap.-ten. FZ Humberto Jorge Santana.
1.os-ten. Alberto Eduardo Ricardo Gonçalves, Carlos Frederico Leal de Sousa, António Joaquim dos Santos Silva Miguel e Manuel Augusto Faria Alves: 1.os-ten. EMQ Teófilo Pires Tenreiro e António José Ferro Dias; 1.os-ten. AN Alfredo José da Costa Cabral Osório, Amadeu Cardoso, Anaia e Hélder Figueiredo de Almeida: 1.os-ten. SG Albertino Andrade, Renato Maria Assis, Carlos Alberto Fernandes Serra Gaspar, Manuel Pedrosa, Fernando do Carmo Aranha e Marciano de Jesus Guerreiro: 1.os-ten. FZ Alfredo José Geraldes Malheiro Messeder e Adelino Carlos Mendes da Silva.
2.º-ten. Francisco José Pacheco da Silva Oliveira: 2.os-ten. SG Vítor Manuel de Sousa Dinis, Luís Abreu Pacheco, Manuel António Barreira dos Santos, Jaime Torres de Lima, Fernando Gama Brandão, Jerónimo António de Almeida Júnior, Jerónimo de Jesus, Francisco Estêvão do Carmo Oeiras, José do Nascimento Cabral e Manuel Margarido.
Sub-ten. SG Nabor Óscar dos Reis Santos e Mário Vaz Gil.

APOSENTAÇÕES

Em 31-10-74:
Manuel José Gomes Jasmins, primeiro-faroleiro do Q. P. C. M. M. e Alfredo Rodrigues, primeiro-faroleiro do Q. P. C. M. M.

FALECIMENTOS

Cap.-ten. SG RF Alexandre Bento Simões, em 25-10-74.
1.º-ten. SG RF Manuel de Oliveira Moirinho, em 9-10-74.
2.º-ten. SG FR José de Sousa, em 30-10-74.
Sarg.-aj. M RF Albano José dos Reis Fontainhas, em 11-10-74.
1.º-sarg. B FR Luís Diamantino Perguiça, em 24-9-74.
1.º-sarg. B FR Adriano Ferreira Baptista, em 16-9-74.
2.º-sarg. RA Armindo Gomes Tomé, em 19-9-74.
2.º-sarg. M RF João Luís Gonzaga, em 27-9-74.
1027/cabo F RA José Esteves, em 10-9-74.
1578/cabo C RA Manuel Fonseca, em 18-10-74.
398/pad. RF Albano de Melo Cardoso, em 20-9-74.
1694/74/2.º-gr. vol. Gualdino Maria Brás Fontana, em 5-10-74.

---

o M. F. A. Não tem Partido nem é Partido

«Tendo surgido, ultimamente, algumas referências susceptíveis de interpretações incorrectas sobre a ligação do M. F. A. com partidos ou movimentos políticos, a Comissão Coordenadora do Programa do M. F. A., através da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. esclarece:

O M. F. A. fez uma revolução para derrubar o fascismo, devendo, portanto, a sua orientação ser considerada na linha progressista.

À esquerda do fascismo (fórmula política do desespero para garantir a manutenção do capital monopolista) situa-se um leque de possíveis soluções, todas eivadas em maior ou menor grau de tendências socialistas. São elas que representam o sentido progressista da revolução, pois baseiam-se no reconhecimento de que o Estado terá que intervir para garantir o caminho da maior justiça social.

O M. F. A. não tem partido, nem é um partido político.

O M. F. A. interpretando a vontade da esmagadora maioria dos portugueses, dinamiza as Forças Armadas que nele se vão transformando, polariza todas as suas forças democráticas e exige o cumprimento do programa que apresentou à Nação.

O M. F. A. encontra-se acima dos partidos políticos aceitando todos os que se não oponham ao seu programa. Unido com o povo, assegura a instauração de uma autêntica democracia pluralista em Portugal.

O M. F. A. encontra-se atento relativamente àqueles que camufladamente fazem o jogo da reacção e combate, vigorosamete, todas as formas de sabotagem da ordem pré-democrática estabelecida.

O M. F. A. não se encontra comprometido com qualquer movimento político.

Acolhe e incentiva as forças antifascistas, mas não se vincula a nenhuma delas, porquanto são múltiplas as formas de expressão democrática e todas são necessárias e devem existir, traduzindo a variedade das opiniões e a prática das liberdades.»

Eis o texto de um comunicado do Estado-Maior General das Forças Armadas difundido nos órgãos da Informação.

O Grupo de Amigos do Museu de Marinha Completa 20 Anos

No ano de 1954, um conjunto de pessoas interessadas em que o Museu de Marinha ocupasse merecido lugar entre congéneres, atentas às valiosas colecções à sua guarda, infelizmente na altura diminuídas no seu objectivo cultural pelos fracos recursos expositivos das instalações do Palácio Farrobo, às Laranjeiras – deliberou organizar um Grupo de Amigos que, devotadamente lhe fosse útil e concorresse, entre outros programas, para o estudo e aumento do seu património, neste último aspecto, através de compras, doações ou depósitos.

A ideia teve bom acolhimento na Corporação e vários oficiais e muitas entidades, mesmo estranhas à Armada, deram a sua calorosa adesão. Organizaram-se os respectivos estatutos que foram aprovados pelos ministro da Marinha em 14 de Janeiro de 1955 e o Grupo iniciou os seus trabalhos.

*

Vinte anos são decorridos. Ao longo deles e com quotizações, na maior parte modestas, fiel desde o início ao seu lema de desejar, sobretudo livre de patentes, profissões ou ideologias, congraçar amigos do Museu, as suas ofertas elevam-se a perto de duzentos contos dispendidos, hoje reforçados, num dobro ou triplo e o seu prestígio desde há muito se consolidou.

O Grupo constituiu-se no velho edifício pombalino do Arsenal, na Biblioteca Central de Marinha (um dos fundadores e dos mais dinâmicos, felizmente ainda vivo, era ali director), vizinho portanto do local onde, no tempo de D. Luiz ficou instalada a Escola Naval e nela um primeiro núcleo do Museu, com as preciosidades vindas da Ajuda, sobretudo em modelos de navios, armas, carrancas de proa, etc., que se foram depositando na Sala do Risco. Um grande incêndio, em 18 de Abril de 1916, devoraria quase todas estas valiosas relíquias, restando-nos hoje, para as avaliar, o álbum-inventário do contra-almirante João Brás de Oliveira, «Modelos de Navios existentes na Escola Naval» (1896), ilustre oficial ainda autor de interessante estudo ilustrado das figuras de proa ali dadas e igualmente perdidas, que publicou no «Anuário da Escola Naval e da Escola Auxiliar de Marinha», no ano lectivo de 1913/14.

É já conhecida a história do Museu que tendo passado as vicissitudes referidas se encontra hoje condignamente instalado em Belém. O Grupo acompanhou-o nesta última deslocação e acha-se este ano em feliz jubileu de quatro lustros, disposto a prosseguir a sua cruzada por um Museu mais divulgado e valioso.

*

Da efeméride resolveu a Direcção mandar cunhar uma medalha comemorativa, a qual foi desenhada pelo actual secretário, arquitecto Eduardo Martins Barrada, que fez obra digna de elogio, como as fotografias documentam.

O anverso ostenta o emblema oficial do Grupo, centrado com os braços duma Cruz de Cristo. A eixo da composição, em pala, o tridente de Neptuno, símbolo do poder dos mares que as históricas navegações portuguesas demonstraram e o Museu documenta. Em laçaria radiante, um cabo carregado de bóias liga entre si os elementos referidos e sustém uma fita sinuosa onde se lê «20 anos».

O reverso teve, propositadamente, maior exuberância decorativa, qualquer coisa onde a técnica da cinzelagem se casasse com atributos heráldicos, propensos à divulgação estilizada e fantasista. Âncora de cepo de madeira destacando-se duma concavidade emoldurada com um cabo de gosto Manuelino que lhe enleia o anete e remata na clássica decoração floral. Em torno deste cabo, a le-

genda «Sempre dedicada e leal colaboração» alusão aos serviços prestimosos do Grupo ao Museu. Dois tritões, da problemática de «Os Lusíadas», rompantes e adorsados, comungando as caudas, ilustram os mistérios do Mar Tenebroso, abocados às patas da âncora, num jugo de firmeza dos nossos nautas. O mar é representado pelas ondas, em ponta; em faixa, apresentam-se as duas datas: 1954-1974.

As unidades, cunhadas unicamente em bronze, no módulo de oito centímetros, constituem edição numerada e encontram-se a venda, desde a primeira quinzena de Outubro, na portaria do Museu de Marinha, Praça do Império – Lisboa, beneficiando os sócios dum desconto especial, no seu exemplar, contra apresentação do cartão. O preço é de 250$00 e 400$00 para sócios e não sócios, respectivamente. O trabalho oficinal é uma produção esmerada da firma Viçoso, Moratalla & C.ª, de Lisboa.

(Colaboração do Grupo de Amigos do Museu de Marinha)

Saibam Todos

Que só os elementos das Forças Armadas Portuguesas que estejam escalados para prestar serviço nas Forças Armadas Alemãs (República Federal Alemã) poderão utilizar os aviões militares deste país.

Que excepcionalmente, os militares portugueses mutilados, tratados na Alemanha, podem, em qualquer altura, utilizar os aviões militares deste país, uma vez que o seu tratamento é considerado como uma prestação de serviço nas Forças Armadas Alemãs».

Que por despacho do CEMA, publicado na OA1/57/9-10-74, foi regulamentado o funcionamento do Serviço de Bem-Estar (SBE) e consequentemente das Comissões de Bem-Estar (CBE) no âmbito dos serviços dos comandos, forças e unidades da Armada».

Que desde que se justifique, pode ser criado o SBE «noutros organismos da Marinha não classificados como unidades».

Que os SBE serão distintos para militares ou funcionários civis.

Que os SBE têm por fim:

a) Promover o bem-estar do pessoal da Armada, nos seus diversos aspectos.

b) Defender os princípios democráticos, através de uma verdadeira consciencialização social e política do pessoal.

c) Fomentar o espírito do associativo entre o pessoal, contribuindo para a estruturação de uma nova Marinha».

Que as CBE são constituídas por oficiais, sargentos e praças de acordo com a proporcionalidade exis-

tente entre essas categorias, sendo os seus membros eleitos, semestralmente, pelo pessoal dessas mesmas categorias.

Que o Serviço Nacional de Emprego, do Ministério do Trabalho, em coordenação com a Marinha, estabeleceu determinados procedimentos destinados a facilitar a colocação ou emprego dos indivíduos que, terminada a prestação do seu serviço militar, levam baixa da Armada.

Que para o efeito devem os militares que o desejarem preencher a ficha de pré-inscrição que será fornecida pelas secretarias das unidades ou estabelecimentos onde prestem serviço.

Que os militares que tenham preenchido aquelas fichas serão convocados, após a sua baixa, pelo Serviço Nacional de Emprego para realização de uma entrevista com «técnicos de colocação» da qual resultará a sua inscrição definitiva naquele Serviço.

Que a aceitação das fichas não constitui uma garantia de se alcançar o emprego solicitado, pelo que não dispensa o interessado de pelos seus próprios meios procurar colocação.

Que a Marinha representa unicamente o papel de intermediário entre o pessoal interessado e o Serviço Nacional de Emprego para efeitos de difusão, preenchimento, recolha e devolução das fichas de inscrição, não assumindo consequentemente qualquer responsabilidade própria no documento da colocação.

Espectáculo

Um Barco para Ítaca

Poemas de Manuel Alegre na Casa da Comédia pelo Teatro de Bolso de Lisboa

Em boa hora teve Norberto Barroca a ideia de propor à Casa da Comédia a montagem de «Um barco para Ítaca». Numa encenação muito despida de meios mas extraordinária de significado e com achados de inegável beleza, «Um barco para Ítaca» é um verdadeiro encanto e um regalo para o espírito. Como a beleza se pode ornar de vestes tão simples... quase como os lírios do campo!

Toda esta beleza esteve escondida até ao advento da liberdade e faz pena que só agora seja possível dizer em público os versos de Manuel Alegre. «Um barco para Ítaca» é a Odisseia daqueles que esperam – esperança na liberdade, esperança no regresso de Ulisses.

«A ordem reina em Ítaca»... e o estalar do chicote é um soluço abafado. «A ordem reina em Ítaca», «Laerte já não desce à cidade»; a tirania impõe a sua ordem e os oprimidos esperam desesperançados o regresso de Ulisses...

Todo o poema, de uma inexcedível beleza, é como um presságio que veio afinal a conhecer agora o seu melhor epílogo.

«Talvez seja preciso renunciar à felicidade para conquistar a felicidade. É certo que se podem escolher outros caminhos. Mas poderia eu ter escolhido outro?

«Acaso poderia dormir descansado onde quer que estivesse, sabendo que algures, na noite, há homens que batem, há homens que gritam?»

Estas palavras de Manuel Alegre dão-nos a verdadeira dimensão do seu poema vida – poema que só agora se

revela porque a nossa Odisseia encontrou o seu epílogo.

É bom poder ver e ouvir «Um barco para Ítaca». Nem tudo é impecável, nem todos os actores têm dimensão histriónica igual mas o conjunto é surpreendentemente belo e tem momentos grandes na voz de Manuela Machado e no canto de Paulo Simões que lembra o eco do mar que chora por Ulisses.

É um espectáculo de paz; tão humano, tão simples e ao mesmo tempo tão vibrante que se tem pena que acabe. Ficamos presos àquela gente que canta porque, afinal, «é possível ser Homem. É possível ser livre».

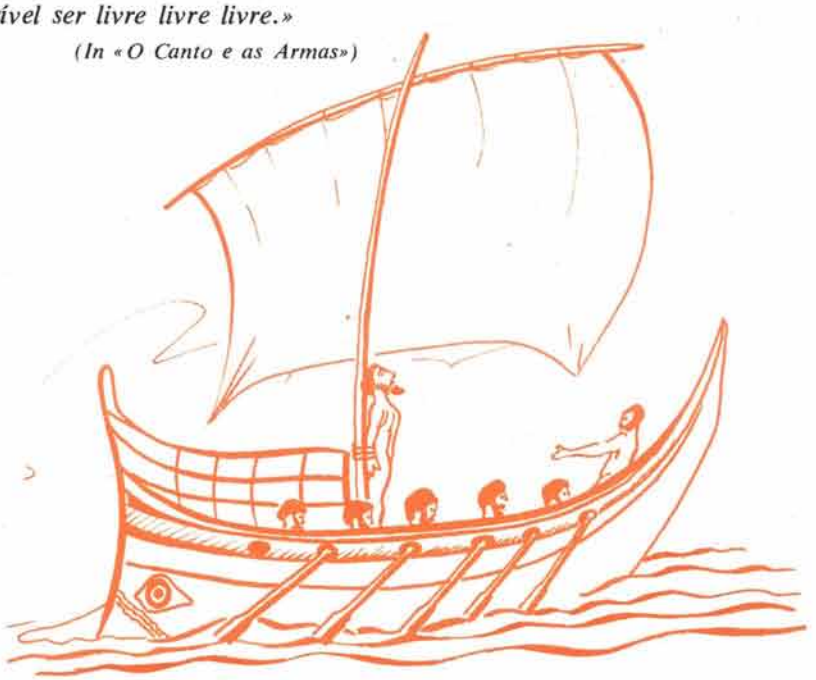
«É possível falar sem um nó na
[garganta
é possível amar sem que venham
[proibir
é possível correr sem que seja a fugir.
Se tens vontade de cantar não tenhas
[medo: canta

É possível andar sem olhar para o chão
é possível viver sem que seja de rastos.
Os teus olhos nasceram para olhar
[os outros
se te apetece dizer não, grita comigo:
[não.

É possível viver de outro modo.
É possível transformares em arma
[a tua mão.
É possível o amor. É possível o pão.
É possível viver de pé.

Não te deixes murchar. Não deixes
[que te domem
É possível viver sem fingir que se vive.
É possível ser homem.
É possível ser livre livre livre.»

(In «O Canto e as Armas»)



O. Lemos
Cap.-frag.

Voz da Abita

Do «Pezinhos», cabo M, recebemos nova carta que transcrevemos:

«Custa-me muito ser «marinheiro de água doce» mas, é realmente no que me estou a transformar. Há que tempos não embarco! Que saudades sinto do mar e dos navios, do balanço, do barulho das máquinas, das gaivotas e dos golfinhos a brincar à volta do navio, dos apitos do mestre, do badalar do sino... A verdade é que já estou a criar barriga, a idade não perdoa, e tenho que me resignar.
Contra isto, não há nada a fazer... Além de que sinto que estou cada vez mais rabujento!

*

«No número 2 da «nossa Revista», publicada em Setembro de 1971, já o senhor Director se insurgia contra o uso e abuso do «pois» e de «na medida em que». Certamente por mera coincidência, durante uns tempos a coisa arrefeceu, deixando de se ouvir, a propósito de tudo e de nada, «pois»... «pois»... «na medida em que».

1971, 1972, 1973... 1974. Finalmente falar em público, na rádio ou na TV, deixou de ser privilégio de meia dúzia, e tornou-se um direito de todos. Agora, graças ao 25 de Abril, toda a gente pode desabafar... sobre política, sobre desporto, sobre descolonização, sobre o custo de vida, sobre a caça, sobre a pesca, sobre turismo, sobre a agricultura...
E então, verificou-se esta coisa curiosa: enquanto que, «na medida em que» quase desapareceu da circulação, deu-se uma verdadeira inflação do «pois». «Pois» isto, «pois» aquilo, «pois» para aqui, «pois» para acolá.
Há dias tive a pachorra de contar os «pois» que se disseram numa entrevista televisionada. Nada menos de quinze em dez minutos, ou seja, uma média de «pois e meio» por minuto!

Havemos de concordar que são «pois» de mais...

*

«Meus senhores e minhas senhoras: estamos aqui «pois» reunidos para festejar «pois» o baptizado do menino Zezinho que é «pois» mesmo um anjinho. Recomendo «pois» à mãe que o eduque convenientemente. De pequenino é que se torce «pois» o pepino. Nada de lhe dar de mamar «pois» que o tempo da mama já passou... era bom, mas acabou-se. Se ele «pois» começar a rabujar e a teimar que quer mama, «pois» dá-lhe a chupeta... Termino desejando «pois» um futuro risonho para o Zé – comerciante por grosso ou a retalho, comissões e consignações, actor de cinema, futebolista... nunca militar, professor ou funcionário público... isso é que não!
(Num suposto jantar de baptizado).

«Minhas senhoras «pois» e meus senhores: juntámo-nos «pois» aqui todos, para celebrar «pois» um grande acontecimento; o enlace «pois» da nossa querida Berta «pois» com o nosso querido Colaço. Fazem um lindo par. Não os viram «pois» quando se dirigiam para o altar, ela, a Berta, à frente, e ele, Colaço, atrás? «Pois» que sejam felizes e tenham «pois» muitos meninos.
(Num suposto jantar de casamento).

« – Então senhor Sousa, como vai «pois» a «agrícola» por aqui? – «Pois senhor Frutuoso não vai «pois» muito bem. Faltam braços, «pois» falta dinheiro... como sabe, «pois», aqui é região de vinho, «pois» e do bom. Quer provar?
– Vamos lá a isso, «pois» é uma pressa...
(Numa suposta entrevista rural).

« – Estão aqui «pois» muitos jovens atletas «pois» de todos os pontos do País. Vamos entrevistar «pois» um ao acaso. Como te chamas?
– Chamo-me «pois» João Maria.
– Quantos anos tens?
– «Pois» tenho doze.
– Gostas de desporto?
– Claro «pois» que gosto, senão não «pois» estaria aqui...
(Numa suposta entrevista desportiva).

*

«Em face desta autêntica poluição de «pois», pior que a poluição das águas e dos ruídos, parece-me que só há duas alternativas: sanear o «pois» da língua portuguesa, por indecente e má figura, ou fazer a sua consagração. Neste último caso, proponho que se organize um grande cortejo popular na Avenida, com cartazes onde se leia por exemplo: VIVA O POIS... QUEREMOS O POIS... COM O POIS NÃO HÁ MAUS ORADORES... e bandas de música, muitas, tocando acompanhadas em coro pela multidão:

As irmãs da caridade... POIS
Tra la ra la la la la... POIS, POIS,
[POIS, POIS, POIS,
[POIS, POIS, POIS

Quem tiver mulher gorda... POIS
Tra la ra la la la la... POIS, POIS,
[POIS, POIS, POIS,
[POIS, POIS, POIS»

* * * * *

De Romão Lavado Borges, ex-1.º gr. F, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Barreiro, 2 de Outubro de 1974.
«Saudações.
«Há dias, pela primeira vez na minha vida, veio-me parar às mãos por mera coincidência o n.º 35 da «Revista da Armada», de que V. Ex.ª se digna ser Director.
«Como fui grumete fogueiro, tudo nela me despertou vasta curiosidade e interesse ao ponto de não me conter sem deixar de dedicar umas modestas linhas, dirigidas a esse órgão e ao entusiasmo que V. Ex.ª dedica a tão prestimosa revista e ao conteúdo que ela encerra, tocando um pouco de tudo no mundo da Armada.
«Fui sempre um apaixonado por motivos da marinha e do mar; continuo sendo, se bem que a minha vida como praça da Armada não tenha sido feliz, porque no período em que prestei serviço nessa tão gloriosa Corporação estava-se atravessando em Portugal um dos períodos mais negros do fascismo, ideologia a que sempre fui adverso, e por tal, fui expulso conforme adiante esclareço.
«Tenho em memória algumas passagens que poderia recordá-las caso V. Ex.ª desejar ou encontrar algum interesse.
«Sem querer furtar o tempo que para V. Ex.ª certamente é precioso, quero deixar aqui bem vincado, todo o meu apoio pelo vosso trabalho como Director dessa tão agradável e elucidativa Revista e garantir que a partir de agora passarei a ser seu leitor.
«(...) Fui incorporado na Armada em 11 de Janeiro de 1945; mais tarde, sendo grumete fogueiro, seria entregue, por actos anti-fascistas, à P. I. D. E. / D. G. S., tendo sido julgado em Conselho de Guerra e condenado a 18 meses de prisão e, consequentemente, expulso da Armada e lançado no desemprego».

* * * *

ALMOÇO COMEMORATIVO DO 30.º ANIVERSÁRIO DO RECRUTAMENTO DE 1945

Um grupo de recrutados do ano de 1945 pede-nos para divulgarmos que se encontra projectada a organização de um almoço de confraternização dos «mancebos» que assentaram praça no ano de 1945, em comemoração do 30.º aniversário do seu recrutamento.
As inscrições para o almoço, que em princípio está marcado para o dia 5 de Janeiro de 1975, e quaisquer outras informações podem ser solicitadas para:
Mariano Figueiredo
Rua de Trás-os-Montes, 11-6.º Esq.
Cruz de Pau – Amora.

* * * *

De João de Oliveira Areias, mar. E n.º 421/70, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Lisboa, 7 de Outubro de 1974.
«Aproxima-se a data que põe termo à minha vida de marinheiro. Não queria abandonar a arma que, mais

ou menos brilhante, servi por alguns anos, sem deixar uma palavra de agradecimento a todos os que colaboram e trabalham no engrandecimento da nossa tão estimada «Revista da Armada».

«Quero deixar bem vincado e se possível a publicação desta minha carta, formulando os mais gratos agradecimentos a todos os oficiais, sargentos e praças que comigo conviveram nas longas caminhadas, por esses mares longíquos.

«Querendo-me tornar assinante da nossa Revista (...).»

* * * * *

De João Manuel de Oliveira, cabo C n.º 8682, em serviço na Estação Loran NATO das Flores, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Lages das Flores, 7 de Outubro de 1974.

«Vai sendo lugar comum começar por elogiar a «Nossa Revista» e diga-se que com todo o merecimento. Eu vou fazê-lo também, do seguinte modo: Tudo leio, nada destacando; gosto de todas as rúbricas. Em resumo, ela é a melhor Revista. É a «Nossa».

«Aqui nas Flores, onde quase não há passatempos, a «Revista da Armada» ajuda-nos, sobremaneira, nas horas de folga.

«(...) Por outro lado eu sugiro se V. Ex.ª, senhor Director, me permitisse, que na secção «Saibam Todos», onde diversos assuntos têm sido divulgados, todos de muito interesse para todos nós, tivesse lugar uma informação referente às Comissões de Bem-Estar, criadas após o 25 de Abril. É que aqui ainda todos nós perguntamos: – que é isso de Comissões de Bem-Estar?

«(...) Por último informo V. Ex.ª e a Revista que esse postal que vai junto é uma rocha de características e configuração realmente estranhas e inédita em todo o Mundo (excepto na ilha das Flores...). Parece ter sido trabalhada de propósito por hábil artífice, mas não, é tudo Natureza!

«Por fim envio saudações amigas a todo o pessoal da «Nossa Revista». Para si, senhor Director, os meus sinceros e respeitosos cumprimentos.»

N. R. – Agradecemos o postal enviado, que dada a sua originalidade será publicado num dos próximos números. Quanto às Comissões de Bem-Estar informamos que, por despacho do chefe do Estado Maior da Armada, foi regulamentado o funcionamento e a constituição daquelas Comissões. O respectivo regulamento foi publicado na Ordem da Armada, 1.ª série, n.º 57, de 9-10-74 (Anexo H), que pela sua extensão não pode ser transcrito na Revista.

A DISCIPLINA NAS FORÇAS ARMADAS

Por acharmos que terá todo o interesse para as Forças Armadas em geral e para a Marinha em particular, vamos transcrever algumas passagens de um artigo do capitão-de-mar-e-guerra da União Soviética A. Skrylnik, inserto na «Revista Militar Soviética»:

«Sendo o relógio um símbolo de precisão é perfeitamente lógico comparar a organização militar com o seu mecanismo. É um facto incontroverso que o serviço no Exército ou na Armada e as actividades de guerra das unidades militares ou dos navios estão sujeitas a regras, ordens e ritmo perfeitamente definidos não susceptíveis de sofrer qualquer desvio.

O que é que assegura uma tal coordenação e trabalho de equipa por parte de tanta gente?

É a disciplina militar, isto é, a estrita e perfeita observância pelo pessoal dos regulamentos e regras estabelecidas pelas leis e manuais militares.

Nenhuma força armada pode existir ou funcionar sem disciplina. Em igualdade de todas as outras condições,

o exército que disponha dos mais altos padrões de disciplina terá invariavelmente uma inegável supremacia sobre um exército menos disciplinado. Não admira portanto que a disciplina esteja cotada como um dos factores vitais da vitória, igual em importância a factores como a quantidade e qualidade do equipamento, aptidão dos oficiais para a chefia e o poder da rectaguarda.

Seria errado restringir a disciplina às suas manifestações externas como sejam a ordem, a subordinação, a obediência aos superiores, etc.

A disciplina é um conceito social. Exprime a perspectiva que o pessoal tem do mundo, as suas opiniões políticas, os seus padrões morais e legais. O próprio carácter das relações entre superiores e subordinados, a motivação que está por detrás do desejo dos homens observarem os preceitos da disciplina e as medidas que visam encorajar um tal comportamento revelam claramente a fisionomia de um exército e a influência do sistema social e da respectiva ideologia e política na vida militar.

Como se assegura a disciplina? Quais os meios que ajudam a manter a observância dos requisitos disciplinares? As respostas a estas questões são condicionadas pelo meio social e pelo sistema económico.

Por exemplo, no feudalismo a disciplina era mantida com a ajuda do stick e dos castigos corporais.

Ao transformar as condições de vida do povo e ao emancipá-lo de todas as formas de opressão e exploração, o sistema socialista criou uma nova disciplina – a da cooperação em camaradagem.

A disciplina nas Forças Armadas Soviéticas é precisamente uma disciplina deste tipo. Não é baseada no medo do castigo, mas sim na observância conscienciosa das disposições exaradas nos regulamentos e manuais, nas ordens dos comandantes, pois tanto o comandante como o soldado são filhos do povo trabalhador. Servem a mesma causa e realizam a mesma tarefa.

Partilham portanto a responsabilidade de assegurar uma defesa eficaz da mãe-pátria socialista.

Qualquer exército, no fim de contas, é criado e treinado para combater. A luta, por seu turno, implica acção resoluta, rápida e precisa. Não se compadece com indolências ou falta de coordenação.

Em sentido figurado, tudo se escreve sem rascunho e com sangue. Qualquer quebra de exigência na marcha, qualquer violação do plano geral de ataque ou defesa acarreta perdas injustificadas e pode redundar na falta de cumprimento da missão de combate.

Procedentes da lógica severa da luta armada as exigências da disciplina militar são categóricas. Não admitem qualquer desvio dos regulamentos e ordens. De harmonia com o Regulamento de Disciplina das Forças Armadas da URSS «uma ordem emanada de um superior é uma lei para os subordinados. As ordens são para se cumprirem sem contestação, perfeitamente e em tempo oportuno».

Os requisitos da disciplina militar são hoje particularmente elevados. A revolução tecnológica e a complexidade dos equipamentos dela resultante tornou necessário criar no pessoal militar qualidades como sejam o sentido da responsabilidade, autoridade e competência. Não admira que palavras como «eficiente» e «disciplinado» no Exército e na Armada soviéticos sejam sinónimos de «competente» e «apto».

O enorme papel desempenhado pela disciplina está patente nas medidas que visam elevar o nível de prontidão para o combate do exército e da marinha nas condições modernas. O ministro da Defesa da URSS Andrei Grechko disse:

«Agora, como nunca, os componentes vitais da prontidão para combate estão intimamente combinados, nomeadamente, armas excelentes, especialistas altamente treinados, estrita disciplina e organização».

Nenhum elemento da prontidão para o combate se pode separar da disciplina, hoje em dia. Cada elemento dessa prontidão é, em menor ou maior grau, determinado pela sua condição ou estado. À medida que certas mudanças fundamentais se foram processando na ciência militar, as Forças Armadas Soviéticas instituiram novos conceitos como o da disciplina do tempo, a disciplina do serviço de alerta, a disciplina da manutenção e operação exemplares e competentes do material, disciplina da cooperação, etc.

Estes termos fazem salientar, no estádio actual do desenvolvimento técnico, a necessidade de actuar não apenas rápida e efectivamente mas de forma absolutamente precisa, em tempo oportuno e com o mais alto grau de responsabilidade.

Na era das velocidades supersónicas a disciplina do tempo tem importância vital pois uma batalha pode decidir-se em minutos e não horas. A identificação de alvos é questão de segundos e se ela demorar pode conduzir a desastres irreparáveis.

As acções do soldado ou do marinheiro encorporam a amálgama da competência técnica com a eficiência. Se analisarmos os feitos do pessoal especializado do Exército e Marinha da URSS, verificamos que são os altos padrões de disciplina a garantia da utilização efectiva do tempo de treino, do rápido e especializado domínio do mais elaborado equipamento e a execução bem sucedida das ordens emanadas pelos comandantes e superiores. A manutenção da ordem firme como requerem os regulamentos contribui para uma mais alta eficiência entre os homens. O treino com armas e equipamentos e os procedimentos de serviço bem organizados ajudam a elevar os padrões disciplinares entre o pessoal das Forças Armadas.

O ditado: a disciplina é a mãe da vitória é bem verdadeiro.

Arranjo e tradução livres do cap.-frag. O. Lemos

Terminologia Naval

CHUVEIRO – Chuva abundante e grossa que vem pouco batida pelo vento e que não tarda a passar; é também conhecida por chuvaceira.

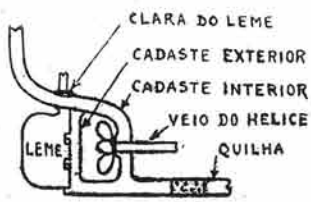
CIAR – O contrário de remar, introduzindo a pá do remo na água, para o lado da popa e exercendo esforço no punho para o mesmo lado, de modo a fazer progredir a embarcação em marcha a ré.

CINGIR-SE AO VENTO – Aproximar o mais possível da linha do vento a proa dum navio ou embarcação à vela, navegando à bolina.

CINTA – Fiadas de tábuas grossas, na altura dos pavimentos e a outras alturas, dispostas exteriormente com o objectivo de fortalecer o navio; nelas se abriam as portinholas das diferentes baterias.

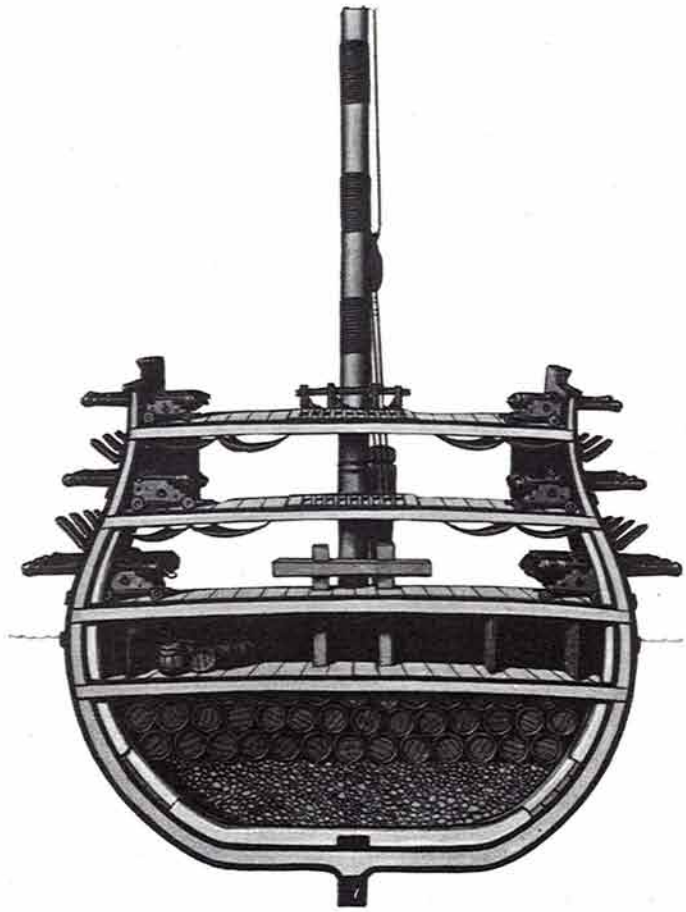
CINZEIRO – Nebulosidade de cor pardacenta que, forrando uma parte do horizonte, prejudica a visibilidade.

CLARA – Abertura no navio ou mastreação destinada à passagem de pessoal, cabos, peças do equipamento, etc.



COAR UM AGUACEIRO PELAS TESTAS – Manobra que consiste em receber um aguaceiro sem reduzir o pano, cingindo-se ao vento de modo tal que as velas fiquem a panejar.

COBERTA – Cada um dos pavimentos que no sentido horizontal correm de popa à proa, dividindo o navio no sentido da altura. Expressão relacionada com este termo é a de «estar de cobertas a prumo», significando encontrar-se o navio muito inclinado a um bordo.



COBRAR – Recolher um cabo que se está alando; o mesmo termo serve para designar a acção de alcançar ou atingir determinado ponto ou dobrar um cabo ou promontório.

COCA – Torsão irregular de um cabo, em sentido contrário ao da sua cocha, que habitualmente se produz quando o cabo é novo e ainda não está desbobinado ou quando se encontra húmido.

F. Elpídio
Cap.-frag. AN

Porquê um "Clube da Armada"?

A criação de um «Clube da Armada» é uma velha ideia que nos últimos meses se tem avivado. Aberto a oficiais, sargentos e praças, além de alargar o desporto a todos os militares da Armada, possibilitaria um efectivo funcionamento das várias secções desportivas, o que actualmente não se verifica no CNOCA (Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada) devido ao pequeno número de praticantes, limitado a oficiais e cadetes, por força dos próprios Estatutos.

ORA O DESPORTO É ALGO QUE TEM DE SER ACESSÍVEL A TODOS. É altura de despertarmos e encarar a realidade bem de frente: na Armada não existe um «Desporto para todos» o que aliás é figurino idêntico ao do Desporto Nacional, como não poderia deixar de ser. Mas então os Campeonatos da Armada nada significam? O nosso rotundo «não» poderá surpreender muita gente. Justifiquemo-nos portanto.

Em que unidades as equipas representativas nasceram dum trabalho de base? Em que unidades se promoveram «torneios internos» antes dos respectivos Campeonatos da Armada?

Cremos que bem poucas o fizeram...

Que nos lembremos, uma das poucas iniciativas de massificação do desporto foi tentada pela própria Direcção do Serviço de Educação Física (DSEF) com a organização, em 1973/74, do torneio de «Futebol de 5»! Tinha de ser o futebol! Porquê? Porque é o único desporto que todo o pessoal sabe praticar! Poderia suceder o mesmo se todos soubessem jogar basquetebol, voleibol, andebol ou râguebi...

Mas não pensem que temos algo contra o futebol. Pelo contrário, trata-se duma modalidade inegavelmente válida e aceitá-la-emos desde que esteja em «pé de igualdade» com as outras. Ora isto implica uma aprendizagem dessas «outras modalidades» que nos parece ser viável se, efectivamente, forem utilizadas na instrução de Educação Física pelo menos as duas horas úteis semanais, conforme a legislação em vigor prevê, a par de toda uma campanha de motivação e esclarecimento do pessoal.

O Desporto tem de abandonar o lugar de secundarismo em que tem sido colocado na Armada, deixar de ser olhado como «actividade inferior» que alguns pseudo-intelectuais pretendem atribuir-lhe, para passar a ser sob a sua verdadeira perspectiva MEIO CULTURAL DE IMPORTANTE CONTRIBUTO PARA A FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO HOMEM!

E não pensemos que tudo se resolverá apenas com o aumento do número de instalações desportivas, pois que os seguintes dados, fornecidos pela DSEF, são esclarecedores:

«...Se por um lado as instalações desportivas existentes são insuficientes para suportar a totalidade do pessoal que deveria ter duas sessões de Educação Física semanalmente, por outro lado acontece que as instalações actualmente existentes são mais que suficientes para o número de homens que realmente as utiliza!»

De tudo o que foi dito poderemos pois concluir que o trabalho fundamental para promover o desporto na Armada terá de ser feito nas unidades.

Sendo assim terá ainda cabimento a criação de um clube? Julgamos que sim! Aqui vão algumas sugestões sobre as actividades que poderia desenvolver:

– Promover um «desporto de representação» a nível da Armada;

–Complementar a actividade desportiva desenvolvida nas unidades;

– Promover as modalidades com menos possibilidades de serem desenvolvidas nas unidades devido à necessidade de técnicos (boxe, judo, esgrima, vela, remo, karate, etc.);

– Facilitar aos associados uma correcta utilização dos tempos livres;

– Proporcionar aos filhos dos associados aulas de natação e de educação física;

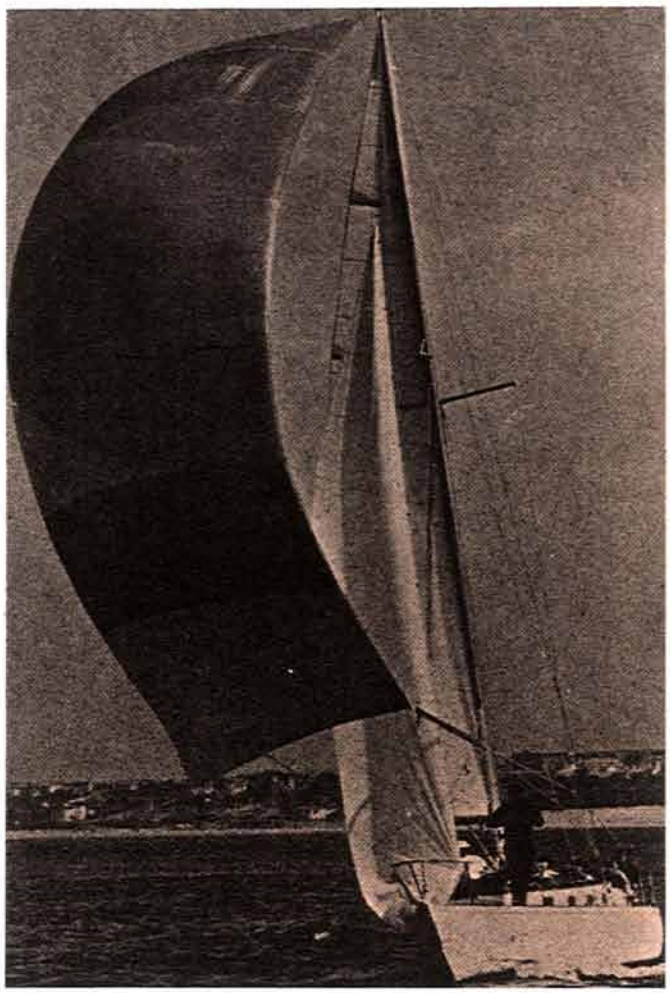
Terminaremos com um apelo às Comissões de Bem-Estar alertando-as para o papel preponderante que poderão desenvolver em todos este processo.

Esperemos que em breve este sonho se torne realidade!

Sanches Oliveira
1.º ten.

26.º Festival Náutico do C.N.O.C.A.

O «Xixão», do C.N.O.C.A, que se classificou em 3.º lugar na prova de vela.



No dia 27 de Outubro passado, o Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada com a colaboração da Associação Naval de Lisboa fez disputar o seu 26.º Festival Náutico.

O festival incluia um cruzeiro para barcos a motor e duas provas de vela, no percurso de Belém-Alfeite (bóia 1); Cabo Ruivo (bóia 5) – Alfeite-Paço de Arcos.

As provas decorreram com grande animação e nelas estiveram presentes 25 embarcações. Todavia, a disputa das regatas foram um tanto prejudicadas pelo vento muito fraco e forte corrente de vazante.

Os principais classificados:

Regata de vela:

1.º – «Golfinho»; 2.º – «Colibri»; 3.º – «Xixão».

Cruzeiro (vela):

1.º – «Antares»; 2.º – «Colibri»; 3.º – «Solena».

Cruzeiro de barcos a motor:

1.º – «Uirapuru»; 2.º – «Tupan»; 3.º – «Ateneia».

Vamos Jogar Râguebi

Informa-se todo o pessoal interessado em praticar râguebi que os treinos se realizam das 17,30 às 19,00 horas, às:

– Segundas-feiras, no campo da D.S.E.F.

– Quintas-feiras, no campo da Escola Naval.

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Em continuação do programa estabelecido para o ano de 1974 que em devido tempo foi revelado nesta secção, os CTT puseram a circular em Outubro mais duas séries, ambas com seis valores. A primeira no dia 9, dedicada ao Centenário da União Postal Universal – U. P. U. –, entidade que se ocupa dos problemas relativos à convenção multilateral sobre o serviço postal internacional. O conjunto de belo efeito e muito significativo fez-se acompanhar, além do habitual F. D. C., do interessantíssimo bloco que reproduzimos, peça filatélica sempre desejada e que foi acolhida com satisfação, até por não serem há muitos anos emitidas entre nós. De salientar também a possibilidade de cobertura que alguns dos selos têm em colecções temáticas especializadas.

A outra apareceu no dia 30 e homenageia músicos portugueses do século XVIII. Apresentados com cores discretas mas agradáveis, os selos são um esplêndido trabalho do artista Frederico George e recordam-nos Luísa Todi, João Domingos Bomtempo, Carlos Seixas, Duarte Lobo, João de Sousa Carvalho e Marcos Portugal. Estamos positivamente em presença de uma série a todos os títulos notável, que honra quem os concebeu e emitiu, da qual reproduzimos dois selos.

NOVOS SELOS PARA ANGOLA

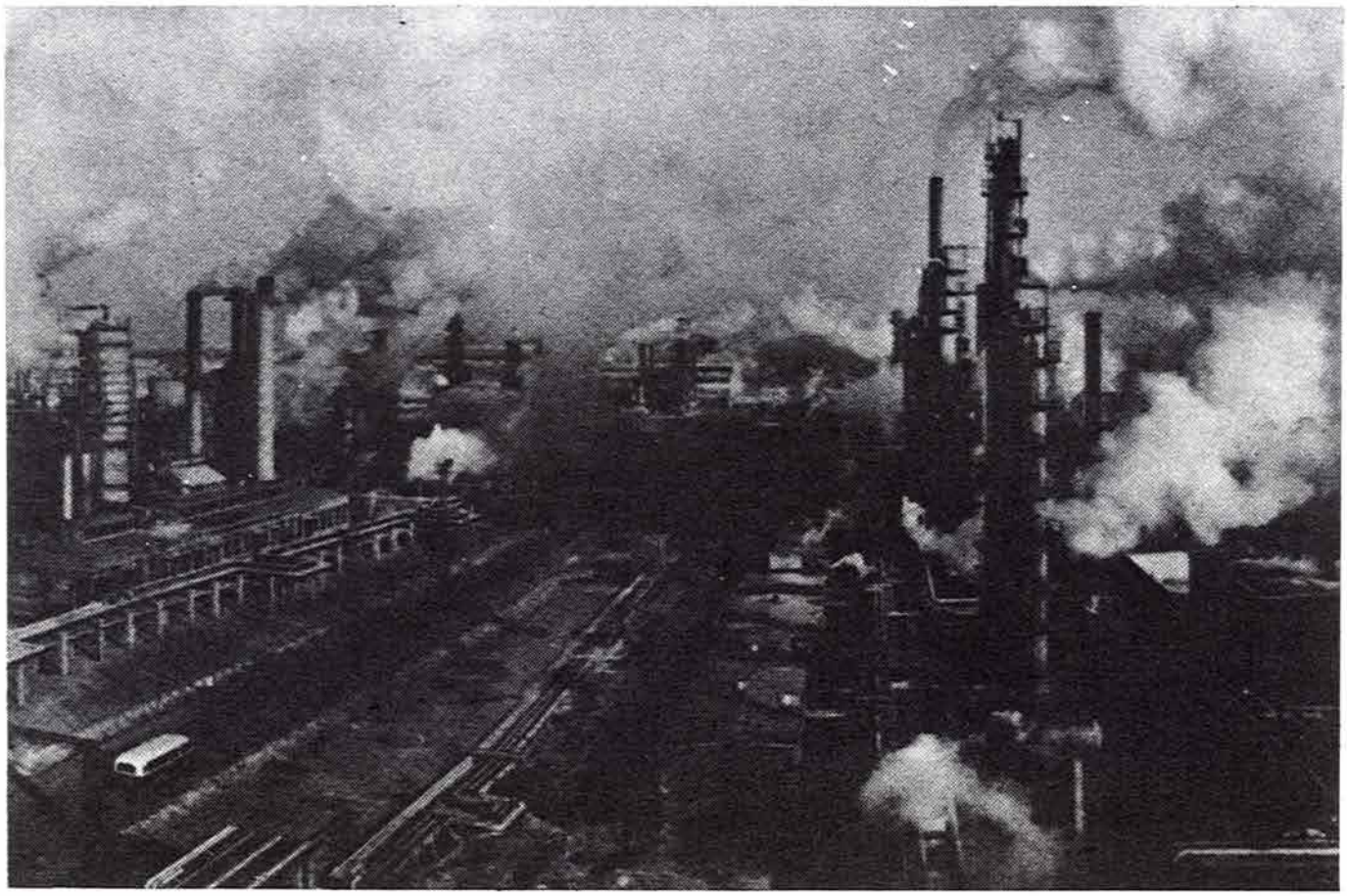
Também em Angola foi posta em circulação no dia 25 do mês uma curiosa e bonita série de vinte selos, tendo como motivo outros tantos tipos de conchas, dos quais reproduzimos três. Trata-se sem dúvida de uma espectacular série que, filatelicamente, quanto a nós, peca pelo elevado número de exemplares que a constitui, o que em certa medida não é recomendavel pela Federação Internacional de Filatelia. O motivo, sem ser inédito, é, repetimos, espectacular e está muito bem apresentado mas teria naturalmente melhor acolhimento se fosse tratado em duas ou mais emissões. É que estamos em frente de uma das séries com mais valores e de mais valor entre as que até agora apareceram no corrente ano em todo o mundo.

NOVO PAÍS, NOVOS SELOS

A República da Guiné-Bissau, o mais jovem Estado do mundo e o terceiro de expressão Lusíada, pôs em circulação no dia 25 de Setembro – comemoração da respectiva Independência – a sua primeira série de selos postais.

São quatro os valores emitidos e os selos com agradável apresentação têm como motivo comum a figura de Amílcar Cabral e a bandeira nacional do país. Cremos ser uma boa oportunidade para se iniciar uma colecção com interesse muito particularmente para nós portugueses. A sugestão aqui fica.

G. Brandão
2.º-ten. SG



O PALCO ESTÁ PRONTO PARA O GRANDE DRAMA...

Ao ser feita há alguns anos, por alguns cientistas a apocalíptica advertência de que a Humanidade corria o risco de se extinguir – em consequência da poluição existente no solo, na água e no ar – se não fossem desde logo tomadas medidas drásticas para travar o seu ritmo sempre crescente, logo se apressaram os industriais e os políticos depois, a rejeitar tal afirmação, por a considerarem excessivamente péssimista.

Para aqueles que em todas as regiões da Terra, sofrem as suas consequências catastróficas, já não será exagero, mas sim duras e trágicas verdades que a eloquência dos factos, mais do que as palavras, demonstra com a maior evidência.

Será exagero para aqueles que vivem indiferentes aos destinos dos povos, às suas tragédias diárias e à ameaça dum destino catastrófico; nem as lições do passado, nem as realidades do presente, nem a previsão do futuro os demove do seu egoísmo; só esses acharam exagerada tal afirmação.

O homem vem provocando o desiquilíbrio biológico do solo há mais de cem anos.

Comissões encarregadas de estudar este assunto, constataram que as descobertas de certos químicos sobre a conservação da matéria aplicada à agricultura em leis determinadas de restituição, sofrem o erro de se dosearem na natureza química da matéria morta sem terem em conta as leis da matéria viva.

Pesquisas periódicas em diversas regiões da Terra demonstraram haver uma diminuição da taxa orgânica de 1 % nas terras em que se utilizam fertilizantes essencialmente químicos, não se garantindo assim a vida microbiana do solo, indispensável para que seja feita a assimilação dos elementos do solo pelas plantas e dando-se assim a esterilização do solo agrícola. Isto leva os agricultores a utilizarem fertilizantes químicos, de modo que a concentração no solo dos elementos adicionados, seja superior à que existe na planta; e assim, por osmose, entram os sais pelas membranas das células radiculares. A partir daqui, as plantas ficam mais ricas em sais minerais, do que estariam numa cultura normal. O excesso de sais minerais – provocado pelo abuso de adubos químicos e pesticidas –

origina a desnaturação e desiquilíbrio das plantas, tornando-as mais grossas, mais ricas em água, mas mais pobres em estruturas orgânicas, e por isso mais fracas e sujeitas a ataques e doenças, porque as plantas neste estado defendem-se mal.
Para compensar este erro outro se comete, e novamente mais adubos e pesticidas são lançados no solo agrícola, tornando-o altamente tóxico, contaminando o ar, as águas e os animais e travando o desenvolvimento natural da vida microbiana.

Entra-se assim num ciclo vicioso em que é o homem quem o abre e fecha e lhe sofre os efeitos.
É esta velha e perigosa agricultura que o homem vem fazendo há mais de um século, baseada na química, com o argumento de que é a única maneira de fazer frente à fome, visto os lucros serem maiores.
Em contrapartida a qualidade de vida é muito menor e em todas as refeições nós ingerimos quantidades de veneno mortal.

Até o leite da mãe, outrora tão puro, está hoje contaminado. É caso para perguntar, se o homem terá de escolher a morte pelos pesticidas, se pela fome.
E como se isto ainda não bastasse para nos assassinar lentamente e envenenar este massacrado planeta, temos ainda que suportar os efeitos dos gases irradiados dos complexos fabris e de toda a série de veículos poluidores, sofrer as consequências das matérias lançadas nas águas e os danos da terrível poluição radioactiva, etc.
Segundo os peritos da Organização Mundial de Saúde, as águas originárias dos centros fabris têm revelado insuficiência de tratamento antes de serem lançadas nos cursos de água.

Calcula-se em milhões de toneladas, os resíduos de petróleo, lixo, etc. deitados á água todos os anos. Algumas destas substâncias vão impedir a oxigenação das águas, com a agravante de consumirem oxigénio para a sua própria degradação. Este género de poluição vai entravar a fotossíntese, indispensável para o bom desenvolvimento do fitoplâncton, diminuindo a sua capacidade de produção de oxigénio e correndo-se o grave risco de destruir a vida do mar.

Nas grandes cidades, só a taxa de monóxido de carbono – lançado dos escapes dos carros – em certos lugares e a certas horas, aproxima-se do nível considerado mortal, segundo observações feitas por peritos na poluição do ar.
Se pensarmos que o tráfego está aumentando todos os dias – e por isso mais ameaçados pelos bombardeamentos de vapores venenosos – somos obrigados a admitir que mais tarde acabaremos por morrer sufocados, se não forem tomadas medidas adequadas.
A poluição radioactiva, resultado das experiências nucleares e dos sedimentos emergentes das centrais atómicas, continua a fazer as suas vítimas.
Quando todo o mundo esperava que a ciência nuclear, fosse apenas para ser empregue em fins pacíficos e produtivos, eis que tem sido usada inúmeras vezes para fabricar bombas, originar doenças e morte. Actualmente são bem conhecidos os perigos das radiações atómicas e os seus efeitos somáticos e genéticos.
Se continuarmos nesta marcha, não se pode excluir a possibilidade de que a vida no planeta e o equílibrio da biosfera – sistema independente, formado pelo ar, solo e água e que sustenta toda a vida na Terra – acabará por decompor-se, o que infalivelmente traria consequências catastróficas capazes de pôr em cheque a vida terrestre.
A desorganização actual em matéria de meio ambiente, reflecte bem a tendência do homem em lamentar-se em vez de agir. Não adianta nós dizermos que a culpa é dos outros. Se desfolharmos a história ficamos a saber que as lamentações e recriminações nunca modificaram as coisas. O grande segredo é o de empregar em acção e construção o tempo que se perde com lamentos e censuras.
Em Portugal o inimigo número um da protecção ao ambiente é a ignorância; e não só a ignorância herdada do analfabetismo, mas também a ignorância dos doutores, daqueles que são portadores de canudos universitários, quando a sua mentalidade e cultura não são equivalentes.
E há também, como não podia deixar de ser, os interesses e ambições de uns tantos.
E andamos assim há longos anos!
Muitas conferências têm feito os especialistas em ciência e muitos avisos têm eles feito aos governos sobre os perigos que pesam sobre todos nós. Na maior parte das vezes, nunca se chegou a iniciar uma pesquisa apropriada às regiões mais atingidas, quanto mais criar-se bases adequadas para acções futuras.
A ameaça da poluição, nas suas formas mais variadas, já hoje sentidas em toda a Terra, é razão bastante para que seja aceite o princípio da cooperação internacional como saída única para a situação cada vez mais perigosa em que nos encontramos. Ou existe essa cooperação, com a máxima eficácia, e é assim possível evitar a catástrofe que se adivinha, atingindo todos os povos e nações, ou, na sua falta, essa catástrofe torna-se inevitável.
A ameaça da autodestruição da Humanidade está contida numa das sentenças bíblicas, e só poderá ser evitada se o Homem, a tempo, acordar do sonho de grandeza em que tem vivido.
Só fazendo um exame de consciência, apreciando com imparcialidade os prós e os contras dos progressos alcançados e por alcançar, e corrigindo o rumo até agora seguido de molde a afastar-se dos abismos que o esperam.
Ainda que o Homem esteja colocado no cimo da escala zoológica, quando soar a hora de cair no abismo, a sua posição é igual à dos outros seres vivos.
Só era preciso que Ele mostrasse um bocadinho de entusiasmo pela obra da MÃE NATUREZA.

Pompílio Filipe
1.º Sarg. A

Reportagem

NOVOS MEMBROS DA JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

Por decisão do Conselho de Estado foi sancionada a escolha feita pelo Movimento das Forças Armadas de cinco novos membros da Junta de Salvação Nacional, eleitos pelos três ramos das Forças Armadas.
São eles o brigadeiro Carlos Fabião e o tenente-coronel Lopes Pires, pelo Exército; o coronel Pinho Freire e o tenente-coronel Mendes Dias, pela Força Aérea e o capitão-de-fragata Silvano Ribeiro, pela Armada, em substituição do vice-almirante Rosa Coutinho, no desempenho do cargo de presidente da Junta Governativa de Angola.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA DESEMPENHOU INTERINAMENTE O CARGO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O vice-almirante Pinheiro Azevedo foi designado pela Junta de Salvação Nacional para desempenhar interinamente o cargo de Presidente da República durante a ausência de Sua Excelência o general Costa Gomes nos Estados Unidos da América.
Nas mesmas condições o chefe do Estado-Maior da Armada ficou a desempenhar as funções de chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

UM OFICIAL DA ARMADA É SECRETÁRIO DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Foi nomeado e tomou posse no passado dia 3 de Outubro do cargo de secretário de Estado da Comunicação Social, o capitão-de-fragata Conceição e Silva que até esta altura chefiava a Comissão de Extinção da P. I. D. E. / D. G. S.

Do gabinete do novo secretário de Estado faz parte outro oficial da Armada, o capitão-de-fragata AN Freire Montez, director-geral da Informação.

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

No dia 6 de Outubro último, efectuaram-se em diversas unidades e serviços da Armada reuniões de esclarecimento da situação política.

Para os serviços instalados no Ministério da Marinha a reunião teve lugar na Casa da Balança com a presença de elevado número de oficiais, sargentos, praças e funcionários civis. Falaram, um oficial da Comissão Coordenadora da Assembleia de Delegados dos Oficiais da Armada, que relatou sucintamente o desenrolar da cri-

se política da última semana de Setembro de que o Movimento das Forças Armadas saiu fortalecido e esclareceu a forma como actua aquela Comissão; um sargento, da Comissão Representativa dos Sargentos da Armada e duas praças da Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças, que focaram assuntos sobre a necessidade de se observar e manter a disciplina e da maneira como funcionam aquelas Comissões.
Encerrou a sessão um oficial superior que analisou e exemplificou o que era uma Marinha conservadora e o que é uma Marinha progressista.

VISITA DO COMANDO DA ESQUADRA NATO DE INTERVENÇÃO DO ATLÂNTICO AO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

No dia 17 de Outubro, o vice-almirante Turner, da Marinha dos Estados Unidos da América e comandante da Esquadra NATO de intervenção do Atlântico (COMSTRIKFLANT) embarcado a bordo do cruzador «Newport News», de visita ao nosso país, apresentou cumprimentos ao chefe do Estado Maior da Armada, tendo sido recebido no seu impedimento pelo respectivo vice-chefe, contra-almirante Marques Abrantes.

VISITA DO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA AO COMANDO DA ÁREA IBERO-ATLÂNTICA

O chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo visitou no dia 10 de Outubro as instalações do Comando da Área Ibero-Atlântica, em Oeiras.

Acompanhado do vice-chefe do Estado-Maior da Armada, contra-almirante Marques Abrantes, o vice-almirante Pinheiro Azevedo foi recebido pelo comodoro Vosgien de Noronha, comandante-adjunto, tendo passado à sala de conferências onde lhe foram feitas exposições acerca da organização do Comiberlant e posteriormente na sala de operações um relato da situação actual das forças da NATO no Atlântico.

DA GUINÉ: REGRESSO DAS ÚLTIMAS UNIDADES DE FUZILEIROS

No passado dia 21 de Outubro, regressaram da Guiné, a bordo do navio-petroleiro «S. Gabriel», os destacamentos de fuzileiros especiais números 4 e 5, últimas unidades da Armada que, num total de 150 homens, sob o comando do 1.º-tenente Carreiro e Silva, permaneciam naquela antiga colónia portuguesa.

MISSAS POR INTENÇÃO DE MILITARES DA ARMADA FALECIDOS NO ULTRAMAR

No dia 2 de Novembro, Dia dos Fiéis Defuntos, foram celebradas em todas as unidades com capela própria, missas em sufrágio de militares da Armada falecidos em serviço no Ultramar.

No Departamento da Marinha a missa foi celebrada na Capela de S. Roque pelo capelão graduado em capitão-de-fragata João Cabeçadas, chefe do Serviço de Assistência Religiosa da Armada, tendo a ela assistido os contra-almirantes Marques Abrantes, vice-chefe do Estado-Maior da Armada e Tengarrinha Pires, superintendente dos Serviços do Pessoal, além de outros oficiais e seus familiares.

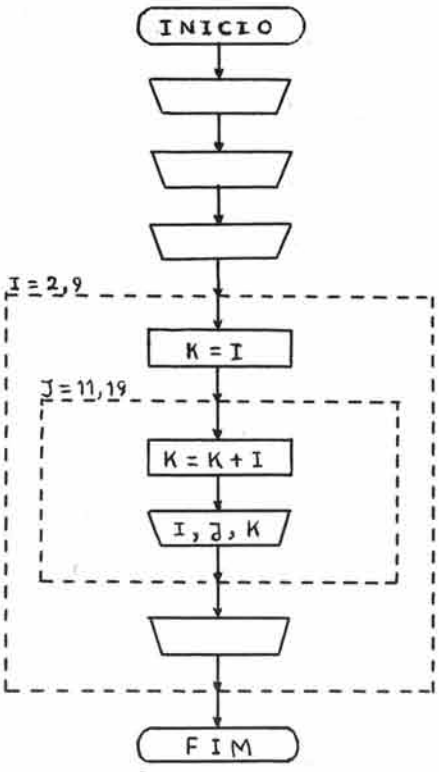
Quarto de Folga

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Como um leitor da Revista, o 2.º-tenente RN Rui Soares, resolveu o problema proposto no n.º 37, por meio de computador:
Consideremos que:

1) a solução é da forma (i, j, k) $i = 2, \ldots, 9$;
2) para cada i, k deve ser múltiplo de i não superior a $10 \times i$;
3) para cada par (i, k) determina-se j pela condição $j = k : i + 9$.

De acordo com os passos anteriormente descritos, e pensando utilizar um computador, elaborámos o diagrama:



em que aparecem algumas letras dentro de figuras. A primeira e a última de tais figuras constituem apenas informação para o leitor. Os trapézios são utilizados para descrever a troca de informação entre o utilizador e o computador. No caso particular da linguagem BASIC que nos serviu para escrever as ordens ou instruções, os trapézios correspondem à palavra chave PRINT que aparece no programa.

```
02 REM DIVISØES MACACAS SC
04 PRINT
06 PRINT
08 PRINT
10 FØR 1=2 TO 9
15 LET K=1
20 FØR J=11 TØ 19
25 LET K=K+1
30 PRINT I, J, K
35 NEXT J
40 PRINT
45 NEXT 1
50 STØP
55 END
```

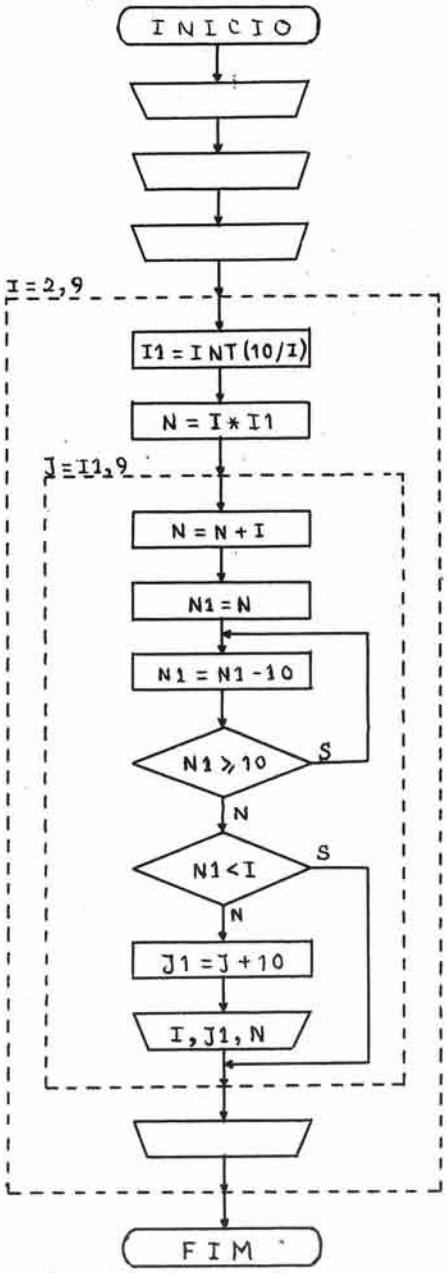
e que significa: impressão dos valores actuais atribuídos à(s) letra(s) indicadas no seu interior: quando não há variáveis o efeito dessa instrução é mudar de linha. Os rectângulos que aparecem no diagrama indicam-nos que se trata de instruções de tipo aritmético; este mesmo tipo de informação é transmitido ao computador através da presença da palavra chave LET seguida da expressão algébrica. Chama-se a atenção do leitor para a correspondência entre o diagrama e o programa. Convém desde já salientar que as instruções (10,45) e (20,35) devem ser olhadas como pares e nunca isoladamente e constituem os **ciclos** indicados a tracejado no diagrama. A fim de permitir uma melhor compreensão desta estrutura chamada ciclo diremos que as instruções com os números 25 e 30 são executadas 72 vezes enquanto que a número 15 é apenas executada 7 vezes; qualquer das restantes só é «encontrada» uma vez no percurso indicado no diagrama. As soluções deste problema que intitulámos DIVISÕES MACACAS SC são as que constam da tabela T1:

I	J	K	I	J	K
2	11	4	6	11	12
2	12	6	6	12	18
2	13	8	6	13	24
2	14	10	6	14	30
2	15	12	6	15	36
2	16	14	6	16	42
2	17	16	6	17	48
2	18	18	6	18	54
2	19	20	6	19	60
3	11	6	7	11	14
3	12	9	7	12	21
3	13	12	7	13	28
3	14	15	7	14	35
3	15	18	7	15	42
3	16	21	7	16	49
3	17	24	7	17	56
3	18	27	7	18	63
3	19	30	7	19	70
4	11	8	8	11	16
4	12	12	8	12	24
4	13	16	8	13	32
4	14	20	8	14	40
4	15	24	8	15	48
4	16	28	8	16	56
4	17	32	8	17	64
4	18	36	8	18	72
4	19	40	8	19	80
5	11	10	9	11	18
5	12	15	9	12	27
5	13	20	9	13	36
5	14	25	9	14	45
5	15	30	9	15	54
5	16	35	9	16	63
5	17	40	9	17	72
5	18	45	9	18	81
5	19	50	9	19	90

Atendendo porém à «dificuldade» surgida na subtracção (os pobres diabos em questão não lidavam com números negativos) «admitimos» que deveríamos acrescentar o seguinte passo aos anteriores

4) o algarismo das unidades do número k não deve ser inferior a i.

A fim de limitarmos as soluções a conjuntos de 3 números sendo um de um algarismo e ou outros dois de dois algarismos modificamos o passo 2) de acordo com
2') para cada i, k deve ser um múltiplo de i não inferior a 10 nem superior a 10 x i.
Estas considerações levaram-nos ao diagrama:



que constitui a base do programa.

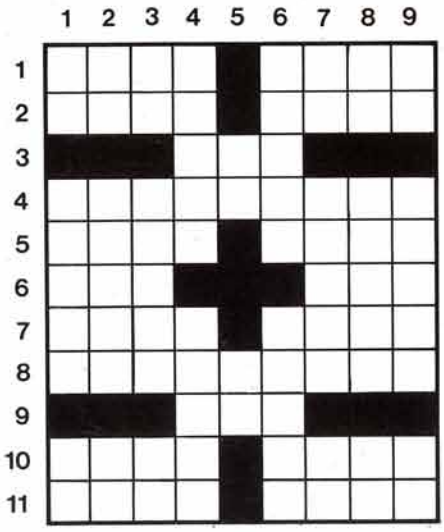
```
02 REM DIVISØES MACACAS SI
04 PRINT
06 PRINT
08 PRINT
10 FØR I=2 TØ 9
15 LET I1=INT (10/I)
20 LET N=I*I1
25 FØR J=I1 TØ 9
30 LET N=N+I
35 LET N1=N
40 LET N1=N1-10
45 IF N1>=10 THEN 40
50 IF N1<I THEN 65
55 IET J1=J+10
60 PRINT I, J1, N
65 NEXT J
70 PRINT
75 NEXT I
80 STØP
85 END
```

onde nos aparece um novo tipo de instrução denominado «salto condicional».
Os números 45 e 50 mostram-nos tal estrutura com a indicação da instrução que deve ser executada caso se verifique a condição; em alternativa prossegue a sequência normal. O diagrama explicita o que acabamos de dizer.

Terminamos com a apresentação das 22 soluções.

I	J1	N	I		N
2	15	12	5	12	15
2	16	14	5	14	25
2	17	16	5	16	35
2	18	18	5	18	45
3	14	15	6	12	18
3	15	18	6	15	36
3	17	24	6	17	48
3	18	27	7	13	28
4	13	16	7	16	49
4	15	24	8	15	48
4	16	28			
4	18	36			

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS:

1 – Torcer; alcova. 2 – Vagueia; renque; renque. 3 – Óxido de cálcio. 4 – Sulcado. 5 – Amarres; cantiga. 6 – Afirmação; contracção de prop. e art. (pl.). 7 – Entusiasmo; espécie de cipó onde se enrolam folhas de tabaco depois de secas. 8 – Morigeras. 9 – Parente. 10 – Intuito; instrumento de madeira com que se movem embarcações miúdas. 11 – Pequenas; ligeireza.

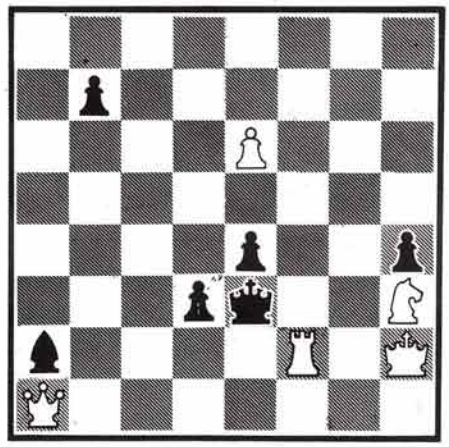
VERTICAIS:

1 – Crédito; nivelam; ruim. 2 – Avançar; origem filológica; prefixo de negação. 3 – Aspecto; zelo; batráquio. 4 – Classes; arganases. 5 – Outra coisa; medida chinesa. 6 – Carril; mitra pontífice. 7 – Artigo (ant.); robusto; estás. 8 – Compreende; deusa da caça (mit.); arrieira. 9 – Em partes iguais (farm.); lugar aprazível; aqueles.

SEASA
Cabo aux. RA

(Solução na pág. 34)

XADREZ



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

(Solução na pág. 34)

– Olha, para este Natal podíamos combinar dar só prendas úteis. Eu ofericia-te um par de peúgas, e tu ofericias-me um casaco de antílope.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

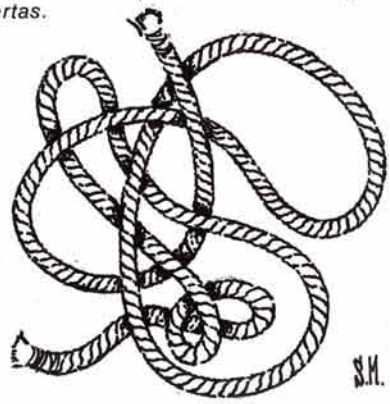
1 – Fiar; cela. 2 – Erra; álea. 3 – Cal. 4 – Retalho. 5 – Ates; ária. 6 – Sim; nas. 7 – Amor; tani. 8 – Moralizas. 9 – Tia. 10 – Mira; remo. 11 – Anãs; asas.

VERTICAIS:

1 – Fé; rasam; má. 2 – Ir; étimo; in. 3 – Ar; temor; rã. 4 – Raças; ratas. 5 – Ali; li. 6 – Calhas; tiara. 7 – El; arnaz; és. 8 – Le; Diana; má. 9 – Aa; oásis; os.

CONCURSO N.º 39

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.



– Puxando as pontas livres deste cabo forma-se ou não um nó?

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

2 – O suporte é conseguido pela forma indicada na figura, com a tábua apoiada no rolete e no alicate.

3 – Amarre o íman à extremidade de um dos fios e faça-o oscilar. Pegue na ponta do outro fio e apanhe o íman quando ele se aproximar de si durante a oscilação.

XADREZ

Brancas		Pretas
1.	Df6	Bd5
2.	Tg2	etc.

Se:

1.	Df6	B x cb
2.	Dd8	etc.

DO CONCURSO N.º 37

Cidades:

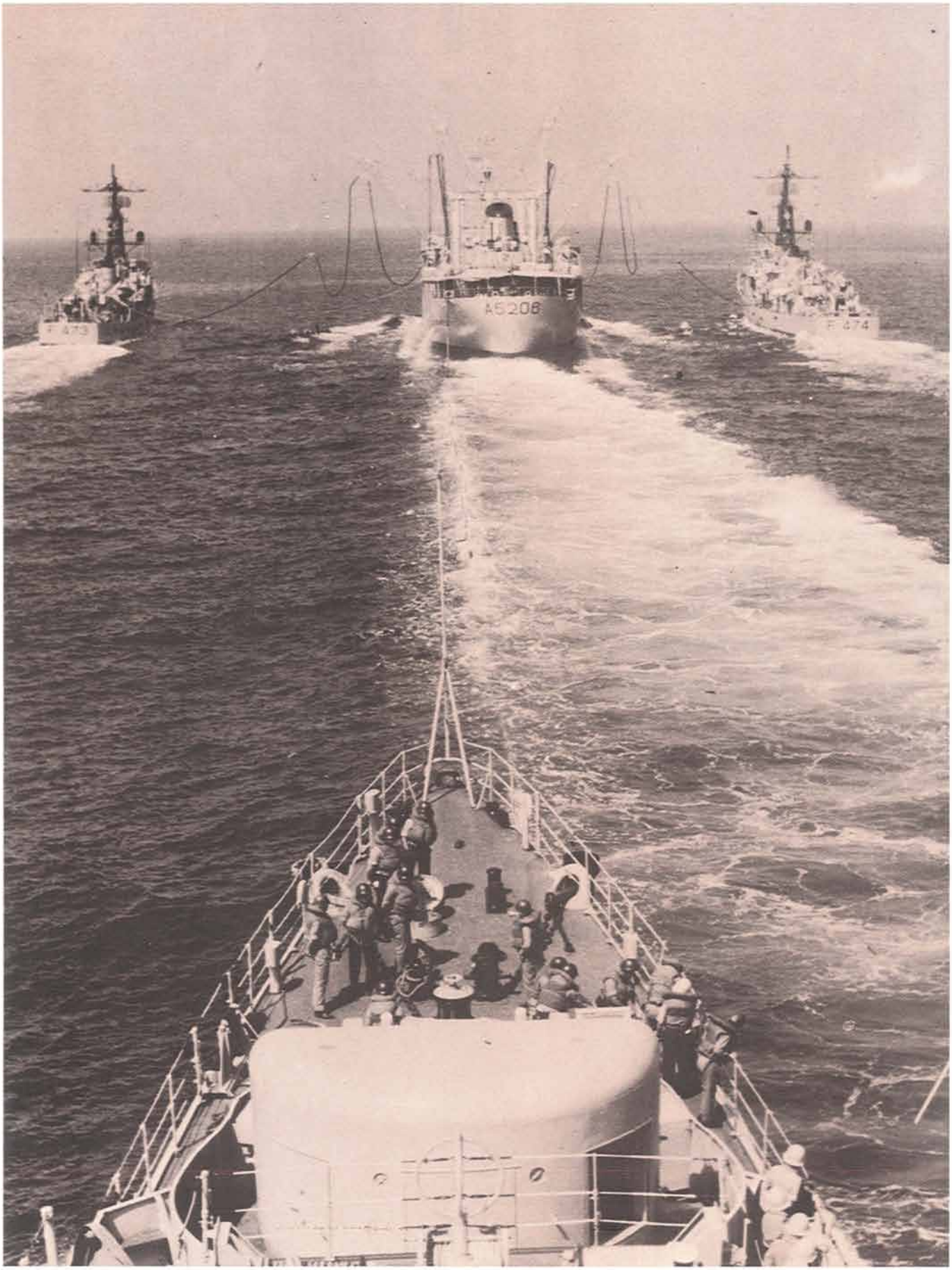
Vila Cabral, João Belo, Porto Amélia, e Beira.

Distritos:

Manica e Sofala, Cabo Delgado, Gaza, Tete, Zambézia, Inhambane, Niassa e Lourenço Marques.

Vencedor:

Horácio A. Calheiros, Mar. R n.º 1642/72. Comando Naval de Moçambique.



Aproximação para o reabastecimento simultâneo de 3 fragatas, pelo N.R.P. «S. Gabriel».

(Foto cedida pelo cap.-frag. Pacheco Pinto)

ILHAS do ATLÂNTICO

MADEIRA
Aspecto do Funchal

(Foto Perestrello)

AÇORES
Aspecto da Vila da Povoação em S. Miguel

(Foto de autor desconhecido)

CAVO VERDE
Barco de cabotagem no cais do porto de S. Vicente

(Foto do cap.-ten. AN Caeiro Junça)